

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**JULGAMENTO E CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA DO CASO CASO DE VIOLÊNCIA ENFRENTADO POR KLARA  
CASTANHO**

**VIÇOSA - MG**  
**2023**

MARIA EDUARDA VAZ DE MELO FREITAS

**JULGAMENTO E CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA DO CASO CASO DE VIOLÊNCIA ENFRENTADO POR KLARA  
CASTANHO**

Monografia apresentada ao Curso de  
Comunicação Social - Jornalismo da  
Universidade Federal de Viçosa como requisito  
para a obtenção do título de bacharel em  
Comunicação Social - Jornalismo

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

**VIÇOSA - MG**

**2023**

MARIA EDUARDA VAZ DE MELO FREITAS

**JULGAMENTO E CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA DO CASO CASO DE VIOLÊNCIA ENFRENTADO POR KLARA  
CASTANHO**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier  
Orientadora

---

Maurício João Vieira Filho  
Jornalista e Mestre em Comunicação

---

Débora Fernandes Pessoa Madeira  
Professora da UFV e Mestra em Direito

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a conclusão de um sonho não só meu, mas também de minha mãe, que desde sempre idealizou que, assim como ela, eu me formasse na Universidade Federal de Viçosa. Minha trajetória por aqui foi leve e recheada de boas memórias, e isso eu também devo a ela, que muito nova precisou abrir mão de tantas coisas para conseguir concluir o seu sonho e, ao mesmo tempo, se dedicar a mim e ao meu irmão. Ela é o meu maior e primeiro exemplo de mulher forte. Muito obrigada, mãe, por preencher minha vida com todo o amor e carinho, por estar sempre presente lutando comigo minhas batalhas e ser a maior responsável por tudo que já conquistei. Esta vitória é nossa!

Ao meu pai, agradeço por todo carinho, apoio e por sempre me incentivar a ir mais longe. Confiar em mim e demonstrar orgulho pelas minhas conquistas.

Agradeço à vovó Tereza, meu coração fora do peito, por ser a minha maior fã e nunca largar minha mão. Ela que está sempre me colocando em suas orações e pedindo a Deus para que eu encontre os melhores caminhos nessa trajetória. Você é o meu grande amor! À vovó Maria (*in memoriam*), minha maior saudade, eu agradeço por todos os anos que pude tê-la por perto e por todo o seu carinho.

Aos meus irmãos, Vitor e Brenda, por compartilharem comigo esta jornada repleta de altos e baixos. Ao meu padrinho, José Almir, por ser um segundo pai para mim e sempre se fazer presente nos mínimos detalhes. Aos meus tios e tias por sempre vibrarem pelas minhas conquistas e tornarem a vida mais leve, com muitas risadas e a garantia de momentos felizes. A todos os meus primos e primas, que recheiam meu coração de amor, mas um agradecimento especial à Jade e Fabrício, por nunca soltarem a minha mão! Sou mais feliz quando estou com vocês!

Às minhas amigas que fiz em Viçosa, o meu muito obrigada! Vocês foram os responsáveis por transformar estes últimos anos em um compilado de memórias felizes. Agradeço ao meu grupinho de meninas, Ana Kei, Keryon, Nara e Mayla, que preencheram os meus dias com boas fofocas e comidas gostosas. Em especial, agradeço Laura e Giovana, que dividiram comigo não apenas este árduo processo repleto de choros, surtos e madrugadas acordadas, mas também a vida. Vocês se tornaram minha família em Viçosa e sou eternamente grata por ter encontrado o verdadeiro significado de amizade ao lado de vocês. Vamos juntas até o fim! À Estela, João Vitor e Robin, por todos os conselhos, jogos online e boas risadas, vocês

tornaram minha pandemia mais leve. Agradeço ao Robert, por se fazer presente e estar sempre disposto a me ajudar no que for preciso. Às minhas meninas da república, que me alegram no mesmo tanto que me estressam. Sou feliz por ter encontrado vocês e por ser tão amada, mesmo com todos os puxões de orelha.

Aos meus animais de estimação, que tornam os meus dias mais felizes. Principalmente Chico, que é o meu ponto de paz e tranquilidade nos dias mais difíceis. Minha vida se tornou um milhão de vezes melhor depois que você chegou nela!

Agradeço ao DCM, à COM18, ao Cajor, à Revista Amplie, aos estágios e as pessoas que encontrei neles, principalmente na Diretoria de Comunicação da Prefeitura de Viçosa. Vocês foram os responsáveis por todo o meu crescimento e amadurecimento profissional.

À minha orientadora Mariana, por ter me guiado neste processo. Obrigada por todas as correções, reuniões, paciência e sensibilidade para com este trabalho. Não poderia ter escolhido outra pessoa para percorrer este caminho comigo. Aos membros da banca, Débora e Maurício, por aceitarem o convite para avaliarem este estudo.

Por fim, agradeço a Deus por ter me direcionado e ouvido todas as minhas preces nos momentos mais difíceis. Hoje tenho certeza que estou onde precisava estar.

**Maria Eduarda Melo.**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise sobre o controle e a objetificação dos corpos femininos, a partir do caso de exposição midiática que ocorreu com a atriz Klara Castanho, a fim de identificar os imaginários discursivos evidenciados pelos jornalistas Leo Dias e Antonia Fontenelle, que tornaram público episódios íntimos da vida da atriz. Também pudemos analisar o processo de construção da imagem de si dos sujeitos envolvidos no caso, a partir da carta publicada por Klara em seu Instagram e seu discurso de posicionamento e empoderamento no programa Altas Horas, que foi ao ar no dia 04 de março de 2023. Para o estudo deste caso, utilizamos como estratégia metodológica a análise do discurso semiolinguística e os conceitos de imaginários sociodiscursivos e *ethos*, com base nos estudos de Charaudeau (2010, 2017) e Maingueneau (2008), que nos possibilitaram identificar os discursos que sustentaram as representações do caso e visualizar a imagem que foi construída para Klara com essa exposição.

## PALAVRAS-CHAVE

Klara Castanho; Imaginários sociodiscursivos; *Ethos*; Violência, Corpos femininos.

## ABSTRACT

The present work aims to develop an analysis on the control and objectification of female bodies, based on the case of media exposure that occurred with actress Klara Castanho, in order to identify the discursive imaginaries evidenced by journalists Leo Dias and Antonia Fontenelle, who become intimate audiences of the actress's life. We can also analyze the self-image construction process of the subjects involved in the case, based on the letter published by Klara on her Instagram and her positioning and empowerment speech on the Altas Horas program, which aired on March 4, 2023. For the study of this case, we used as a methodological strategy the analysis of the semiolinguistic discourse and the concepts of sociodiscursive imaginaries and *ethos*, based on the studies of Charaudeau (2010, 2017) and Maingueneau (2008), which allowed us to identify the discourses that supported as representations of the case and visualize the image that was built for Klara with that exposure.

## KEYWORDS

Klara Castanho; Sociodiscursive imaginaries; Ethos; Violence, Female bodies.

INTRODUÇÃO.....	08
1. CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. Questões de gênero e objetificação dos corpos femininos.....	12
1.2. A cultura do estupro.....	14
1.3. Reflexões sobre Empoderamento Feminino.....	15
1.4. Vida pública e vida privada no contexto das mídias.....	16
2. CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
2.1. Imaginários Sociodiscursivos.....	22
2.2. <i>Ethos</i> , por uma perspectiva discursiva.....	24
3. CAPÍTULO 3 - ANÁLISES.....	27
3.1. Imaginário Sociodiscursivo da Mentirosa e da Criminosa.....	28
3.2. Imaginário Sociodiscursivo da Pecadora.....	29
3.3. Imaginários Sociodiscursivos referentes ao Machismo, ao mito do Amor Materno e ao Controle dos Corpos Femininos.....	30
3.4. As imagens de si projetadas.....	33
3.4.1. Antonia Fontenelle.....	34
3.4.2. Klara Castanho.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

Klara Castanho é uma atriz de 22 anos que iniciou sua carreira aos 09 meses de idade como modelo fotográfica. Seu primeiro papel como atriz foi na série "Mother", do GNT, que estreou em 2008 na TV aberta. Mas não foi por este protagonismo infantil que Klara alcançou a maior visibilidade em sua carreira, pois um assunto que não tem a ver com o seu trabalho, ganhou grande repercussão na mídia. Em 2022, a atriz passou por uma exposição nas mídias sociais, a qual noticiava uma gravidez indesejada, consequência de um estupro sofrido por Klara. A divulgação do caso começou com o jornalista Matheus Baldi, que fez uma publicação em seu instagram contando que Klara Castanho havia dado à luz a uma criança. O jornalista é conhecido por fazer publicações sobre a vida dos famosos por meio de cifras em suas redes, sem expôr os nomes dos envolvidos nas notícias. Contudo, nesta publicação sobre a atriz, ele deixou explícito de quem se tratava. Após a assessoria da atriz entrar em contato com Matheus, o post foi excluído.

A partir daí, a história de Klara se tornou uma novela, acompanhada por milhares de telespectadores. Durante uma entrevista dada por Leo Dias no programa "The Noite" do SBT, o jornalista introduziu novamente o assunto sem expor nomes, mas falando sobre uma atriz que "finge ser santinha, mas que ia passar por um problema de carma na vida". Logo após, a apresentadora Antonia Fontenelle realizou uma *live* contando sobre o caso da atriz de 21 anos que havia engravidado e entregue a criança para adoção. Mesmo não citando o nome de Klara, a apresentadora incitou os internautas a descobrir de quem se tratava. Em seguida e diante de muitas especulações do público, o colunista Leo Dias publicou um texto no portal Metrôpoles<sup>1</sup>, detalhando o ocorrido com a jovem, descrevendo até mesmo informações sobre o recém-nascido.

É válido ressaltar que Leo Dias e Matheus Baldi são jornalistas de formação que repercutem notícias sobre a vida de pessoas famosas, com base, sobretudo, na fofoca. Já Antonia Fontenelle não possui formação no campo comunicacional e recebeu a carteira de profissional de jornalista do presidente da Associação de Imprensa Paulista, Sérgio Redó. A jornalista e apresentadora de TV é conhecida por ter fortes vinculações com o extremismo à direita política brasileira, que preza pela moralidade e conservadorismo, além de sempre se envolver em polêmicas por emitir opiniões de cunho pessoal sobre a vida dos artistas.

---

<sup>1</sup> Matéria retirada do ar após repercussão negativa.

Após receber muitos ataques devido à veiculação errônea da situação, Klara Castanho fez um pronunciamento por meio de uma carta aberta em seu instagram<sup>2</sup>, na qual revelava que havia sofrido um estupro e depois descoberto uma gravidez em estado avançado. Mesmo com o direito assegurado por lei, prescrito no artigo 128, inciso II do Código Penal, de realizar um aborto em caso de violência sexual, a atriz decidiu ter a criança e optou para realizar uma entrega voluntária do bebê para a adoção, um direito também previsto por lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>3</sup>, no art. 19-A, §§5º e 9º, prevê a entrega voluntária de crianças recém-nascidas como um procedimento legal e garante sigilo total à mulher grávida, incluindo o segredo sobre o nascimento do bebê. Contudo, todos esses direitos foram retirados de Klara sem sua permissão.

Após a atriz passar por toda exposição e precisar se pronunciar sobre uma história que foi trazida a público contra sua vontade - e resultou em muitas especulações e ataques pessoais - no dia 26 de junho de 2022, o jornalista Leo Dias veio a público pedir desculpas à jovem<sup>4</sup>, enquanto Antonia Fontenelle continuava se omitindo de responsabilidades, se negando a pedir desculpas e insistindo que Klara havia cometido crimes.

No dia 04 de março de 2023, a atriz Klara Castanho foi convidada para participar do Programa Altas Horas<sup>5</sup>, que tinha como temática o Dia Internacional da Mulher, e, pela primeira vez, a atriz se manifestou publicamente sobre a violência que sofreu. Klara agradeceu a todas as pessoas que a acolheram, respeitaram suas decisões e garantiu ter denunciado todas as violências pela qual foi submetida a passar e, por fim, a atriz recebeu o apoio da jornalista Sandra Annenberg por meio de um abraço.

Nem sempre as violências sofridas deixam marcas visíveis e, ao contrário das histórias das novelas, na qual toda trama se encerra após o fim, Klara viverá para sempre com essas marcas em sua jornada. Casos como o vivenciado pela atriz são o reflexo de uma sociedade machista e patriarcal, que consiste em uma estrutura de modelo na qual o homem possui

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfPvGDkuii1/>. Acesso em: 27 de junho de 2023. Também disponibilizada nos anexos deste trabalho.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm). Acesso em: 01 de junho de 2023.

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-e-leo-dias-reforcam-compromisso-com-rigor-e-etica-no-jornalismo>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/klara-castanho-chora-ao-falar-no-altas-horas-sobre-violencia-que-sofreu.ghtml>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

domínio sobre a mulher e que procura justificar diversas atrocidades que são cometidas contra mulheres todos os dias. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>6</sup>, cerca de 18,6 milhões de mulheres brasileiras foram vitimizadas em 2022, e, em comparação à edições anteriores da pesquisa, todas as formas de violência contra as mulheres apresentaram crescimento.

A violência contra as mulheres são acometidas de diversas formas, constituindo a violação de seus direitos humanos, apenas pelo fato de serem mulheres. Segundo o conceito definido na Convenção de Belém do Pará em 1994, é definido como violência contra mulheres “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (Art. 1º)<sup>7</sup>. Narvaz e Koller (2006) acrescentam que

Estudos nacionais e internacionais apontam ser o sexo feminino o mais suscetível à violência sexual e os homens os principais autores de agressão. Isso explica-se principalmente pela relação desigual de poder, em razão da opressão de gênero existente entre o binômio homem-mulher. Trata-se de práticas discriminatórias construídas ao longo do tempo e que se apresentam de diversas formas, sendo uma delas através da dominação dos corpos das mulheres, que as tornam mais suscetíveis a vivenciarem relações violentas (NARVAZ & KOLLER, 2006 apud LIMA; MORAES; NUNES, 2017, p. 964).

Dados divulgados pelo IPEA em 2023<sup>8</sup>, mostram que ocorrem quase dois casos de estupro por minuto no Brasil e, segundo uma pesquisa realizada pelo mesmo instituto em 2014<sup>9</sup>, foi relatado que 58,5% de pessoas entrevistadas sobre a “Tolerância social à violência contra as mulheres” colocaram a culpa de casos de estupros nas vítimas, justificando que a quantidade de violência sexual que ocorre são porquê as mulheres não sabem se comportar ou deram algum motivo.

De acordo com Semíramis (2021), conforme citado por Almeida e Fidalgo (2021, p. 133) a culpabilização da vítima de estupro pode-se compreender como um fenômeno derivado das relações de gênero em desigualdade incutidas na cultura de estupro, culminando no

---

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-s-ofreram-violencia-em-2022#:~:text=Realizado%20pelo%20F%C3%B3rum%20Brasileiro%20de,pessoas%20lotado%20todos%20os%20dias>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestuprofinal.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

<sup>9</sup> Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres\\_novo.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf). Acesso em: 05 de julho de 2023.

discurso discriminatório em atribuir responsabilidade pelo crime de estupro à mulher. Consequentemente, é buscado na culpabilização colocar em pauta os cotejos da vítima mulher, para que, em vez de levar em consideração o criminoso como pessoa culpada, seja indagado de forma profunda a vida da vítima, com vistas a excluir sua culpabilidade.

É devido a este machismo e à cultura do estupro presentes na cultura, que a sociedade se vê no direito de opinar sobre os corpos femininos. Decidem se as mulheres devem ou não engravidar, proibem-as de interromperem gravidezes indesejadas e as julgam se decidem entregar uma criança para adoção, que foi o que aconteceu com Klara Castanho.

A atriz foi exposta por profissionais da área da comunicação, quando estes divulgaram nas redes sociais informações sobre o processo de adoção que ela realizou, informações estas que, até então, eram sigilosas. Os jornalistas que tiveram a atitude de expor a jovem, além de emitirem opiniões controversas e ofensivas sobre o caso, influenciaram a opinião de diversos internautas e descumpriram o Código de Ética<sup>10</sup> dos Jornalistas, segundo o qual, Art. 6º, incisos VI e VIII é dever do jornalista “não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha” e “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. Estes direitos foram retirados de Klara quando ela foi exposta à julgamentos nas redes sociais por consequência das atitudes destes comunicadores. A conduta destes jornalistas é um retrato do julgamento da sociedade, que a todo o tempo tenta controlar a vida e as decisões das mulheres.

Diante disso, vislumbramos neste trabalho, problematizar o controle e objetificação dos corpos femininos, a partir do tratamento midiático dado ao caso Klara Castanho. Especificamente, nossos objetivos são identificar os imaginários sociodiscursivos evidenciados pelos jornalistas que trouxeram o caso à público, bem como as representações mobilizadas pela atriz; analisar o processo de construção da imagem de si dos sujeitos envolvidos no caso.

Nossa chave de leitura será a discussão sobre a objetificação do corpo feminino, a qual coloca as mulheres em uma posição de vulnerabilidade e sem poder de decisões sobre a própria vida. Para tanto, dividimos o referencial teórico desta monografia em quatro tópicos, sendo eles: Questões de gênero e objetificação dos corpos femininos; A cultura do estupro;

---

<sup>10</sup> Disponível em:

[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf).

Acesso em: 25 de maio de 2023.

Reflexões sobre empoderamento feminino; Vida pública e vida privada no contexto das mídias.

De acordo com a divisão dos temas, nossa estratégia metodológica foi recuperar as evidências materiais do caso na mídia, respaldadas em Braga (2008), procurando encontrar os momentos principais de publicização da história. Em seguida, empregamos categorias analíticas da análise do discurso semiolinguística, notadamente os conceitos de imaginários sociodiscursivos e *ethos*, com base nos estudos de Charaudeau (2010, 2017) e Maingueneau (2008), para evidenciarmos os discursos que sustentaram e circularam as representações do caso, assim como a imagem construída para Klara, em toda essa história.

Como mulher, quando o caso de Klara Castanho se tornou público, senti a dor de como nossos corpos estão expostos a tantos tipos de violência. Durante a graduação, tive a oportunidade de participar de diversos projetos que lutavam e falavam sobre equidade de gênero na sociedade. Reconhecendo o lugar de privilégio que ocupo, não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para tentar contribuir com estudos que auxiliam para uma sociedade mais justa e igualitária.

## **CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo, procuramos mobilizar as principais reflexões teórico-conceituais que serão por nós resgatadas na discussão do trabalho. Interessa-nos mostrar como o sistema de gênero já estabelece uma relação de desigualdades para mulheres, o qual inclusive acarreta controle sobre seus corpos e potencializa violências. Em seguida, procuramos também problematizar os limites entre vida pública e vida privada, inclusive em tempos que imperam a exposição sem limites da intimidade no contexto das mídias.

### **1.1 Questões de gênero e objetificação dos corpos femininos**

Neste trabalho, compreendemos que o conceito de gênero é parte de uma construção social e histórica decorrentes da cultura. Apoiamo-nos em Faria e Nobre (1997) para reforçar a ideia de que feminino e masculino partem de uma construção histórico-social assim como os papéis destinados a cada um, ou seja, o que é estabelecido para um homem e para uma mulher exercer na sociedade.

O sistema de gênero é marcado pela desigualdade, na qual os homens exercem várias funções e as mulheres são vistas como suas subalternas e como pessoas que não possuem domínio sobre suas vidas, devendo satisfação para o chefe da família, sendo este o pai ou o marido.

Tal sistema é base para constituição do patriarcado<sup>11</sup>, um regime em que o poder está centralizado nas mãos dos homens. As características masculinas são consideradas melhores que as das mulheres e aos homens são impostas características e comportamentos que reforcem essa superioridade masculina, como força e virilidade. Para Elizandra Iop, o patriarcado instala a inferioridade da mulher na sociedade.

Com a instauração do patriarcado, a condição da mulher no grupo social sofre abalos que apenas começarão a ser revistos e alterados alguns milhares de anos depois na sociedade contemporânea. O patriarcado instaura a inferioridade da mulher no grupo social, sua capacidade de participar ativamente nas funções do grupo é colocada em dúvida pelo poder masculino, sendo essa relegada, então, ao espaço privado, passando a ser incluída subjetivamente como propriedade do homem. Dessa forma, as desigualdades de gênero vão sendo produzidas, consolidadas pelas relações sociais, políticas, econômicas e estabelecidas juridicamente, nos códigos de leis das sociedades civilizadas. Portanto,

---

<sup>11</sup> O patriarcado consiste em uma estrutura familiar na qual o pai detém todo o poder, sendo visto como o membro que, por ser mais velho, deve ser respeitado e obedecido. Relação de poder entre o homem e a mulher. As mulheres são subordinadas aos homens nos sistemas patriarcais.

era possível inferiorizar, explorar e até mesmo matar a mulher amparados por lei, sem que houvesse punição legal para o ato. (IOP, 2009, p. 233)

O sistema patriarcal caracteriza-se pela tentativa de definir a submissão feminina como natural, científica e moralmente aceitável. Isso porque, desde os primórdios, a mulher foi representada de maneira apática, sendo sua figura totalmente afastada do ser político, intelectual e até mesmo sexual, tendo em vista que sua sexualidade não lhe pertencia, mas sim, servia como um dos instrumentos para a submissão à superioridade ao homem e seu ofício de dominador e sexista (MARTINS; HEDLUND; HAUSER, 2020, p.02).

Foi devido a esta diferença de papel social, a qual o homem e a mulher exerceram por tanto tempo, que foram criadas expectativas comportamentais sobre os corpos femininos, ditando a inferioridade e a fragilidade da mulher, dando a entender que seus corpos eram meros objetos e que os homens eram seus donos. A objetificação do corpo feminino está em nossa cultura cotidianamente e enraizada em todos os meios sociais e, sem refletir sobre os aspectos que alimentam a cultura machista, corremos o risco de reproduzir padrões estabelecidos pelo gênero masculino, no qual o corpo feminino torna-se um mero objeto de desejo e consumo, desconsiderando o potencial intelectual e psicológico das mulheres (COSTA, 2018)

Como um objeto, o corpo feminino, visto e regido pelos conceitos de posse e propriedade do homem, deve ser usado e pode ser descartado quando não for mais útil. Numa relação de poder e dominação, o homem se sente autorizado a utilizar este “seu objeto” – o corpo feminino – com uma forma violenta, que cristaliza um sentimento misógino. “A violência de gênero se apresenta como uma expressão para fazer referência aos diversos atos praticados contra as mulheres como forma de submetê-las a sofrimento físico, sexual e psicológico, aí incluídas as diversas formas de ameaças.” (BALBINOTTI, 2018, p.240)

A hierarquização existente nas relações de gênero condiciona o corpo feminino ao universo masculino. É possível constatar que os corpos femininos são alvo de padrões estético-corporais que satisfaçam as exigências masculinas. Imperam estereótipos e representações abusivas sobre os corpos das mulheres, tirando inclusive o protagonismo dela em relação a gerência de seus corpos e vontades (MATOS; SOIHET, 2003).

Neste mesmo sentido, a sexualidade feminina é também condicionada pelos papéis de gênero e, por conseguinte, pela dominação masculina, envolvendo um conjunto de discursos,

ordenamentos, incitações e estruturações, que visam normalizar os corpos, marcar saberes, e consolidar relações de poder, reservando às mulheres um papel de subordinação e de repressão de sua sexualidade, que muitas vezes trazem transtornos provocados pela violência sexual e até abusos.

## 1.2 A cultura do estupro

Historicamente, a violência de gênero se apresenta de diversas formas para agredir as mulheres sistematicamente e, baseada em uma sociedade patriarcal, ela tende a se fortalecer na desigualdade do gênero masculino sobre o feminino, se relacionando com a inferiorização e objetificação da mulher. Devido ao discurso de superioridade masculina, a sociedade tenta ditar o valor do corpo feminino e regular as mulheres socialmente, lhes tirando o poder de decisão e escolhas sobre suas próprias vidas e as transformando em um objeto de poder público.

Segundo Sommacal e Tagliari (2017), citado por Rocha (2018), a cultura do estupro se refere a uma norma embutida no meio social, onde através de um conjunto de crenças e costumes, incentivam a execução do crime e aceitam a violência contra a mulher, atribuindo a culpa às vítimas. A cultura do estupro é estimulada pelo comportamento machista naturalizado socialmente e incentivada pelo comportamento corporal imposto à mulher.

Conforme dados do IPEA de 2023<sup>12</sup>, estima-se que ocorra 822 mil casos de estupros por ano no Brasil, o que significa que são quase dois casos por minuto. Logo, entende-se que a cultura do estupro é um problema relacionado à objetificação feminina. Com a percepção de que as mulheres são meros objetos de prazer, muitos homens entendem que podem violar o corpo feminino, praticando abusos e violência com elas (EQUIPE LINUS, 2021).

O estupro é categorizado como uma violência sexual, uma vez que, segundo a Lei Maria da Penha<sup>13</sup> (2006), violência sexual é entendida como:

Qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestuprofinal.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em 29 de junho de 2023.

manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (art. 7º, inciso III)

“Na cultura do estupro, as mulheres percebem a ameaça da violência como um contínuo que vai desde comentários sexuais até o contato sexual e o estupro. A cultura do estupro tolera o terrorismo físico e emocional contra a mulher como norma, assume que a violência sexual é um fato da vida, tão inevitável quanto a morte ou os impostos. Essa violência, no entanto, não é biologicamente nem divinamente determinada. Muito do que aceitamos como inevitável é, de fato, a expressão de valores e atitudes que podem ser modificadas.” (BUCHWALD apud CARVALHO; MORAIS, 2019, p.110)

Dessa forma, é possível observar que a

cultura do estupro, por sua vez, são comportamentos e práticas culturais produzidas neste contexto patriarcal. A divisão de papéis de gênero perpetuada pelos membros da cultura patriarcal enseja diversas formas de opressão das mulheres, e não apenas de caráter sexual. Nesse sentido, embora essa prática seja relevante para a existência da cultura do estupro, suas consequências não são limitadas a este escopo (CARVALHO; MORAIS, 2018, p.113).

A dominação masculina foi construída historicamente e não restam dúvidas que ainda se encontra presente na atualidade. Apesar das lutas feministas terem iniciado um processo de desconstrução sobre o machismo e o patriarcado, buscando a igualdade social e os direitos das mulheres de ocuparem os mesmos lugares que os homens, é possível observar como o corpo feminino ainda é alvo de controle e colocado em condição de subalternos ao masculino, por meio das violências e abusos sofridos todos os dias por mulheres.

### **1.3 Reflexões sobre Empoderamento Feminino**

Na contemporaneidade, o conceito de empoderamento feminino figura no imaginário popular como busca pela equidade de gênero e a maior participação das mulheres na sociedade. Nesta perspectiva, o empoderamento está alinhado a uma mudança nas organizações sociais, sendo necessário romper com estruturas hierárquicas, como é o caso do patriarcado, para que uma consciência coletiva e a igualdade de gênero seja fortalecida.

Partindo da concepção que “o empoderamento refere-se a princípios, como a capacidade de indivíduos e grupos agirem para garantir seu próprio bem-estar ou seu direito de participar da tomada de decisões que lhes dizem respeito” (SIMON, 1994 apud BERTH, 2019, p. 27), é preciso analisar a importância de um empoderamento coletivo, que crie

empatia e solidariedade para a realidade do outro. “Uma das contradições fundamentais do uso do termo “empoderamento” se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. Para quem o uso do conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se auto conferem. Toma um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. E “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem a ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioridade que os sujeitos sejam independentes e autônomos no sentido de domínio de si mesmos, e descarta as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sócio político, histórico, de solidariedade e do que representa a cooperação e a importância de preocupar-se com o outro.” (LEON, 2001 apud SARDENBERG, 2012, p.03)

Nesse contexto, podemos classificar “o empoderamento como um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta às transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas” (BERTH, 2019, p.37), uma vez que uma sociedade sem empoderamento, se torna fragilizada e está sempre exposta à violências que atingem o coletivo.

Vale dizer que há a importância de se empoderar no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassa todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. Do mesmo modo, quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível empoderar alguém. Empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo. (BERTH, 2019, p. 91)

Podemos observar que o empoderamento feminino está relacionado com o empoderamento coletivo, visto que é necessário uma conscientização social para quebrar os estereótipos de que mulheres devem limitar-se à obediência ao lar e à maternidade, para conseguirem assumir um novo papel na sociedade, lutando contra o sistema machista e autoritário ainda presente na sociedade.

#### **1.4 Vida pública e vida privada no contexto das mídias**

É inquestionável que, como nunca, vivemos em uma época que nos possibilita acompanhar tudo o que acontece no mundo todo. Hoje, devido ao cenário democrático no qual vivemos e a diversidade de mídia existente, é possível que milhares de fontes divulguem

os acontecimentos do mundo, permitindo que cada indivíduo faça buscas de acordo com suas preferências. Contudo, devido a esta facilidade de compartilhamento, um excesso de informações circulam entre os espaços, proporcionando que mentiras e notícias falsas também sejam divulgadas e exigindo que tenhamos mais maturidade para selecionar com o que vamos nos dedicar e tornar relevante.

É inegável que temos sido soterrados por mais informações do que temos condições de processar (e às quais podemos reagir); que ocorrências importantes do ponto de vista do funcionamento da sociedade e do bem-estar público são recebidas com distanciamento, e há uma hierarquia dos acontecimentos com capacidade de afetação e importância social não exatamente simétricas. Nem sempre uma questão de interesse público suscita o correspondente interesse do público. (FRANÇA, 2012, p. 18)

Segundo Vera França (2012), o jornalismo se constrói em torno dos acontecimentos do mundo, porém, é de extrema importância classificar os fatos noticiados de acordo com sua função de abrangência, impacto e interesse. Todavia, com o aumento da midiatização das notícias e o surgimento de influenciadores digitais, que trabalham com engajamento e repercussão digital, o jornalismo profissional vem perdendo seu espaço para um jornalismo sensacionalista e com narrativas extremistas, devido a busca por cliques.

Os jornalistas profissionais são eclipsados pelos influenciadores digitais, que operam pela busca de “likes”, de “lacração nas redes”, de “views” e toda sorte de repercussão digital. Por isso, o potencial de monetização que transforma esses influenciadores em “empreendedores de narrativas informacionais” se apresenta como uma possibilidade de novo modelo de negócios para as empresas de comunicação. (JORNAL DA USP, 2022)

A incessante busca por curtidas e visualizações, tem criado uma linha tênue entre o público e o privado. Influenciadores digitais vem, cada dia mais, postando suas rotinas e mostrando suas vidas particulares. O que antes era uma parte restrita da vida dessas pessoas, vem alimentando as indústrias de fofoca e criando uma confusão do público entre o interesse e a curiosidade pública sobre a vida dos famosos.

No geral, as postagens passam por um filtro que garante a aceitação do público. É tudo muito bem articulado para que cada seguidor se mantenha fiel. Uma foto qualquer é postada a fim de nos fazer pensar que aquele momento é espontâneo; no entanto, se trata apenas de cenário, texto e atuação com um objetivo de compartilhamento. O que realmente acontece na vida de uma influenciadora digital não é mostrado com fidelidade. Mostramos nas redes sociais o que queremos, o que não nos difamará, o que não destruirá nossa fantasia de mundo perfeito. (EVANGELISTA; FERREIRA; COSTA; NASCIMENTO, 2017, p. 08)

O interesse público diz respeito a informações que afetam a vida da totalidade ou maioria das pessoas, a direitos fundamentais, à ordem, à saúde e à moral públicas.

Reconhecemos que as separações não são tão claras, e que corremos o risco de silenciar o interesse público sobre aquilo que é “pessoal”. O que é claro é que a audiência não deve ser a medida mais importante da avaliação sobre o interesse público ou jornalístico de uma informação. (JORNAL DA USP, 2022)

É possível perceber que, essa ânsia para saber sobre a vida privada das celebridades, tem nutrido uma crise no âmbito comunicacional, fazendo surgir um jornalismo irresponsável, o qual expõe situações particulares de pessoas públicas e potencializa danos na profissão, uma vez que, de acordo com o artigo 7º número IV do Código de Ética dos Jornalistas<sup>14</sup>, “o jornalista não pode: expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais”

Além do jornalismo de celebridade, que busca lucros rentáveis a partir de acontecimentos íntimos de pessoas famosas, segundo Delbono, também é importante considerar que a imprensa profissional, que detinha o monopólio das informações, está cada vez mais invadida pela nova mídia, que dá oportunidade a outros profissionais, como influenciadores, blogueiros, *vloggers* e *youtubers*. Esses são novos sujeitos de direito, portanto, detentores de obrigações sobre o que propagam. (DELBONO, 2022, p.10-11)

Contudo, apesar do crescimento da exposição na internet, as pessoas precisam ainda possuir o direito do que elas querem e vão divulgar em suas redes sociais, sem que sejam expostas parte de suas vidas que não é do interesse público.

A privacidade representa a plena autonomia do indivíduo em reger sua vida do modo que entender mais correto, mantendo em seu exclusivo controle as informações atinentes à sua vida doméstica (familiar e afetiva), aos seus hábitos, escolhas, segredos etc, sem se submeter ao crivo (e à curiosidade) da opinião alheia (MASSON, 2016, p. 218).

Dessa forma, é possível observar como os fatos são trazidos nos meios digitais, caracterizando-se pela prevalência de opiniões sobre os acontecimentos, sem distinção do que pertence à esfera privada ou não (DELBONO, 2022, p.21). Logo, percebe-se que, apesar da era da transparência na qual nos encontramos, é necessário, mais do que nunca, a existência de um jornalismo respeitoso, que entenda os limites entre o público e o privado e que não ultrapasse-o em busca de repercussão e visualização.

---

<sup>14</sup> Disponível em:

[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf).

Acesso em: 25 de maio de 2023.

## CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, filiamos nosso procedimento metodológico em Braga (2008), para quem a comunicação deve ser compreendida como indiciária, entendida como ciência interpretativa, cuja validade de conhecimento não está no método em si, mas na capacidade de produzir inferências. Sua característica principal seria provocar o tensionamento dos indícios da realidade com questões teóricas de partida e com outras que se tornem relevantes e ou necessárias durante o percurso.

Entendidos como indícios da realidade empírica, as informações sobre o caso de exposição sofrido por Klara Castanho foram coletadas, primeiramente, por meio de páginas nas redes sociais que noticiam o que acontece na vida dos famosos - uma vez que, nestes perfis, eram postados os vídeos e posts na íntegra das falas dos envolvidos no caso, e que haviam sido excluídos de seus perfis originais. Em seguida, foi realizada uma busca em sites de notícias, para buscar mais informações sobre o acontecimento e averiguar a legitimidade dos fatos.

Deste modo, procuramos constituir um *corpus* com excertos dessa narrativa foram organizadas em uma tabela, com contexto, data e enunciador.

### Quadro 1 - Excerto destacados da cobertura midiática sobre o caso Klara Castanho

Falas destacadas no material encontrado	Enunciadores e contexto de enunciação	Material e data
A atriz sobre a qual falavam teria um "carma grande" por ter feito uma "maldade"	Jornalista Leo Dias na entrevista a Danilo Gentilli	16 de junho de 2022. Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/25/leo-dias-klara-castanho.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/25/leo-dias-klara-castanho.htm</a>
"desovou a criança ao acaso"	Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista	Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a>

<p>"Vivi um dilema recentemente, muito recente, esse mês. É coisa inacreditável, coisa da sociedade se questionar muitas vezes, mas envolve uma atriz... É muito pesado"</p>	<p>Jornalista Leo Dias na entrevista a Danilo Gentilli</p>	<p>16 de junho de 2022. Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"Não é uma coisa feliz, é uma coisa... É muito denso. [...] O carma vai ser grande."</p>	<p>Jornalista Leo Dias na entrevista a Danilo Gentilli</p>	<p>16 de junho de 2022. Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"uma pessoa que está enganando todo mundo"</p>	<p>Jornalista Leo Dias na entrevista a Danilo Gentilli</p>	<p>16 de junho de 2022. Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"Mas tem uma história de trama inacreditável. Mas a conta vai chegar", completa. Ele ainda disse achar "maldade" o que a atriz fez: "Mas envolve muita coisa e eu decidi não publicar"...</p>	<p>Jornalista Leo Dias na entrevista a Danilo Gentilli</p>	<p>16 de junho de 2022. Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"Essa menina engravidou, escondeu a gravidez, inclusive trabalhou durante a gravidez, pariu o filho dela e segundo as informações que ele [Leo Dias] têm, pediu para o hospital apagar a entrada dela no hospital e [disse] que nem queria ver o filho. Mandou dar o filho: "Tira, quero nem ver"</p>	<p>Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>

<p>"Ela chorou, disse que se mataria se a notícia vazasse e que isso aí aconteceu porque foi vítima de um estupro. A religião dela não permite que ela abortasse, mas a religião dela permite que ela tenha uma criança e fale: 'Não quero saber, não quero ver, tira de mim'</p>	<p>Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"E aí a coisa que mais me doeu foi, pelo amor de Deus, cadê essa criança? Se for o caso, eu crio, procuro alguém que queira criar essa criança. Essa criança não pode ser jogada fora"</p>	<p>Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"Se é vitima de um estupro, por que no dia seguinte não foi lá tomar providências pra não deixar virar um um feto, pra não virar um aborto, uma vez que é contra o aborto?"</p>	<p>Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"Parir uma criança e não querer ver e mandar desovar para o acaso é crime, sim, só acha bonitinho essa história de adoção quem nunca foi em um abrigo, ademais quando se trata de uma criança negra. O nome disso é abandono de incapaz"</p>	<p>Antonia Fontenelle em suas redes sociais</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
<p>"nunca vou compreender uma mãe que gera um filho em seu ventre e não consegue ter amor por ele"</p>	<p>Antonia Fontenelle em suas redes sociais</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>

<p>“Eu gostaria de saber porque estão tão revoltadinhos comigo, me atacando por eu ter tido a coragem de mencionar uma história que ao meu ver é monstruosa porém virou banal. A escória da sociedade vem aqui me perguntar o que eu tenho com isso? Muita coisa, uma vez que eu me preocupo com vidas inocentes, e luto por elas...”</p>	<p>Antonia Fontenelle em uma live aberta pela jornalista</p>	<p>Disponível em: <a href="https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm">https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm</a></p>
---	--	---

Fonte: Elaboração da autora.

Além dos indícios acima coletados, compreende parte deste *corpus*, a carta aberta divulgada pela atriz em seu Instagram no dia 25 de junho de 2022, na qual revelava que havia sofrido um estupro e depois descoberto uma gravidez em estado avançado.

Durante a realização desta monografia, a atriz realizou um pronunciamento público, no programa *Altas Horas*, que foi ao ar no dia 04 de março de 2023, e que tinha como intuito realizar um especial para o mês das mulheres, contando com a presença de figuras femininas com fortes histórias de vida, o que ocasionou em um acréscimo no *corpus* inicial da pesquisa. A transcrição deste depoimento encontra-se em anexo a este trabalho.

Para fins de análise, ancoramo-nos em conceitos proveniente da Análise do Discurso, notadamente nos conceitos de imaginários sociodiscursivos e *ethos*, em uma perspectiva discursiva. Cumpre ressaltar que não é interesse deste trabalho realizar uma análise do discurso no sentido estrito, mas mobilizar conceitos operatórios da área como lente de leitura e de problematização do *corpus* encontrado.

## 2.1. Imaginários Sociodiscursivos

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, imaginários sociodiscursivos devem ser compreendidos como provenientes dos “discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2017, p.579). Nessa esteira, podemos compreender que a sociedade é composta por diversos

imaginários sociodiscursivos, que funcionam como um conjunto de características que percebemos coletivamente e que ajudam na compreensão do mundo, podendo sofrer mudanças ao longo do tempo e de acordo com a sociedade.

Os discursos criadores de imaginários se produzem, como já dito, dentro de um domínio de determinada prática social que desempenha um papel de filtro axiológico. Isso permite compreender que um mesmo imaginário possa receber um valor positivo ou negativo, dependendo do domínio de prática no qual se insere.(...) É a partir desses tipos de saberes, e sempre por meio da produção discursiva, que se organizam os sistemas de pensamento conforme os princípios de coerência que criam teorias, doutrinas ou opiniões. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579 - 580)

Diferente dos estereótipos, que é característico por ser um mecanismo de redução/simplificação imediata, os imaginários são mecanismos que vêm como formas diferentes de construir sentido, transformando nosso entendimento em algo possível de ser compartilhado coletivamente e de sofrer alterações.

Segundo Charaudeau (2016), os imaginários são fundados a partir dos tipos de saber circulantes na sociedade, os quais, segundo o autor, podem ser divididos em saber de conhecimento e o saber de crença.

O saber de conhecimento muito se assemelha à ideia do conhecimento científico quando entende o mundo a partir de comprovações incontestáveis, que podem ser provadas cientificamente. Mas também participa deste saber de conhecimento, o saber de experiência – aquele que não é comprovado cientificamente, mas que por ser experiência de alguém, é entendido como verdade. Este saber de experiência, mesmo que um saber popular, também é um saber sólido, uma vez que para se chegar às conclusões finais, as experiências se sobrepõem a qualquer avaliação do sujeito, não se caracterizando por ser apenas uma opinião, por exemplo (CARNEIRO; PROCÓPIO, 2018, p.05).

Cumpram ainda ressaltar que “os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito, ou que ao menos foi instalada no exterior do homem” (CHARAUDEAU, 2017, p.581).

Já os saberes de crença são voltados ao âmbito individual, ou seja, são reveladores de repertório de subjetividades e podem ser organizados em saber de revelação e saber de opinião. Segundo Charaudeau (2017),

O saber de revelação supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito, mas, diferentemente do saber de conhecimento, essa verdade não pode ser provada nem verificada, isso porque ela exige um movimento de adesão total do sujeito a ela. Mas para que esse movimento de adesão encontre sua justificação, devem existir textos que testemunhem essa verdade mais ou menos transcendental. De uma forma ou de outra, esses textos têm um caráter sagrado, desempenhando o papel de

referência absoluta dos valores aos quais se quer aderir (CHARAUDEAU, 2017, p.583).

Já os saberes de opinião nascem de um processo de avaliação do termo sobre o qual o sujeito toma partido e se engaja em um julgamento a respeito dos fatos do mundo. Como no saber de crença, nele não é o mundo que se impõe ao sujeito, mas o sujeito que se impõe ao mundo (...). A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado, e é por isso que não pode ser discutido (CHARAUDEAU, 2017, p.584). Contudo, este saber é discutível e pode ser julgado quando partilhado, uma vez que possui uma função identitária.

A construção de opiniões de forte valor identitário, estão ligadas à crenças de diferentes grupos sociais e que, muitas vezes, podem ser reveladoras de posicionamentos discriminatórios, mas se expressam no espaço democrático.

A opinião relativa tem um aporte mais limitado, por emana de um sujeito individual ou de um grupo restrito. Mas esse sujeito ou os membros do grupo sabem que esse julgamento é circunstancial, relativo ao grupo e à situação na qual ele é emitido. Isso porque, nesse caso, o sujeito falante precisa afirmar, frente a frente com essa opinião, seja sua adesão, seja sua oposição, uma vez que, como existem diversas, esta se presta obrigatoriamente à discussão. A opinião relativa se inscreve desde seu surgimento em um espaço de discussão, não no interior do grupo, mas frente a frente com outros grupos. Ela é, em seu fundamento, crítica. (CHARAUDEAU, 2017, p.585)

Em nossa análise, procuraremos perceber como os excertos coletados sobre o caso Klara Castanho podem revelar imaginários sociodiscursivos diversos sobre a violência sofrida pela atriz e, em que medida, elas se fundamentam em saberes para projetar discursos justificadores ou questionadores da situação por ela vivenciada.

## **2.2 *Ethos*, por uma perspectiva discursiva**

Neste trabalho, julgamos também importante mobilizarmos reflexões em torno da categoria de *ethos*. Proveniente da retórica aristotélica e revisitado pelos estudos discursivos, o *ethos* pode ser compreendido como uma das maneiras de se levar à persuasão, no caso, a partir da construção de uma imagem de si (geralmente positiva, favorável) para o público ao qual se destina aquele ato de comunicação.

Mainueneau (2008) explica que o *ethos* evidencia, pois, um conjunto de características relacionadas ao sujeito-enunciador do discurso revelado por tal sujeito em sua enunciação.

Não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso – afirmações que, ao contrário, correm o risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o *ethos* está associado a L, o locutor como tal: é na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável (MAINGUENEAU 1984, p. 201 *apud* MAINGUENEAU, 2008, p.14).

Assim, é possível dizer que adotar o *ethos* como um procedimento discursivo relevante significa apostar na construção de uma boa impressão pela forma como é construído no discurso, de modo que a imagem a ser estruturada, ganhe a confiança do público. A lógica em questão é evidenciar um *parecer ser* e pode ser implementada por procedimentos discursivos diversos como seleção lexical, entonação, expressões corporais, vestuário, gestos, etc.

O co-enunciador, não adere a um discurso unicamente pela forma como lhe foi apresentado a ideia, é necessário um conjunto de fatores para conquistar a adesão dos sujeitos.

Importa muito para o sucesso da causa que sejam postos favoravelmente à luz costumes, princípios, fatos e gestos, a conduta do orador e de seu cliente; inversamente, em exposição desfavorável o que concerne ao adversário, de modo a inclinar o quanto possível as disposições dos juizes para uma benevolência em relação a si mesmo e àquele que se está defendendo. Ora, o que nos garante a benevolência é a dignidade de nosso caráter, são nossas ações louváveis, a consideração que nossa vida inspira: todas essas coisas fáceis de exaltar quando existem, difíceis de fingir quando não existem. Outras qualidades do orador somam-se ao efeito produzido: a doçura da voz, o ar do semblante, a amenidade da fala, a impressão de que, se ele se deixa levar por um ataque inflamado, é contra sua vontade. É muito fácil dar a ver as marcas de um humor dócil, de uma alma generosa, boa, sensível, acolhedora, protegida contra os desejos cobiçosos. Tudo o que indica a lisura, a modéstia, um caráter isento de amargura e de furor, inimigo dos litígios e das controvérsias, atrai a benevolência e indis põe contra os que não têm essas qualidades ( MAINGUENEAU, 2008, p.14-15).

Dessa forma, a construção de um discurso não pode ser construída de forma singular, ela precisa ter uma relação com a realidade para a qual ela será apresentada em conexão com os modelos culturais já existentes e discursos já circulantes em sociedade. Por este prisma, cumpre ressaltar que a construção do *ethos*, parte, então, de imaginários, representações e ideias que circulam na memória discursiva social, o que faz com que possamos identificar um componente prévio ou pré-discursivo deste processo de construção de imagens.

Para que o *ethos* seja percebido ou mesmo validado socialmente será preciso que haja um reconhecimento ou pelo menos uma espécie de certificação do público ao qual se destina aquela mensagem. Desse modo, podemos inferir que o *ethos* consiste em um procedimento

discursivo essencialmente dialógico, já que parte de referências socioculturais e também se destina a elas.

Neste trabalho, julgamos ser interessante compreender as apostas discursivas realizadas pelos sujeitos enunciadore Antônia Fontenelle, Leo Dias e Klara Castanho para a construção das imagens de si nos trechos analisados.

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISES

Conforme dito anteriormente, este trabalho tem como objetivo problematizar o controle e objetificação dos corpos femininos, a partir do tratamento midiático dado ao caso Klara Castanho. Especificamente, nossos objetivos são identificar os imaginários sociodiscursivos evidenciados pelos jornalistas que trouxeram o caso à público, bem como as representações mobilizadas pela atriz; analisar o processo de construção da imagem de si dos sujeitos envolvidos no caso.

Para fins de contextualização de nossa análise, é preciso situar e localizar os jornalistas que trouxeram o caso à público, bem como o tipo de jornalismo ao qual estão vinculados. Tratado pela literatura como jornalismo opinativo, jornalismo de celebridades ou mesmo jornalismo de fofoca, a prática jornalística desenvolvida por Leo Dias e Antonia Fontenelle parece se desvincular de procedimentos compreendidos como fundamentais para o exercício de um jornalismo ético e responsável. Vale destacar que o *ethos prévio* de tais profissionais já está associado à divulgação de informações de natureza sigilosa e/ou de foro íntimo e que suas principais estratégias discursivas consistem em promover a captação do público por meio de elementos de curiosidade, dramatização e sensacionalismo.

Segundo Chaparro (2008), no “policiamento” da opinião, o que os crentes da objetividade fazem, é claramente identificável um viés moralista, como se a opinião, por si só, tornasse suspeita a informação. E a questão não é só moral nem ética, mas técnica: para o relato dos acontecimentos, a narração é mais eficaz. Ao relatar, narra-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor estão lá, explícitos, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até na agressividade dos títulos, e implícitos, nas intencionalidades preexistentes das estratégias autorais e nas intencionalidades adquiridas pelo próprio texto (CHAPARRO, 2008 apud LEMOS;LUIZ, 2017, p.07).

Com as mutações no âmbito jornalístico, é possível observar como o sensacionalismo é usado pelo comércio capitalista da comunicação com a finalidade de atrair o interesse público. O jornalismo de celebridade “produz conteúdos rentáveis a partir de acontecimentos íntimos e privados das trajetórias de pessoas famosas” (LANA, 2014, p.178) e possibilita manchetes escandalosas, cuja única função é chocar e provocar a curiosidade das pessoas.

Pode-se dizer que o jornalismo de celebridade (...) se baseia no sensacionalismo, e também, não costuma possuir fontes oficiais e críveis. Em algumas ocasiões as

matérias são elaboradas com base nas fofocas, ou de acordo com a agenda diária da celebridade. (SILVA, 2008, p.17)

Neste sentido, foi possível observar que as declarações proferidas pelos sujeitos enunciadorees acima mencionados se baseiam em um saber de opinião, o qual não precisa ser comprovado, mas que, muitas vezes, molda a compreensão do mundo. Este saber,

Parte do julgamento e opinião de um determinado sujeito e são construídas por motivações variadas, tais como necessidade, verossimilhança, razão, emoção, etc. Interessante notar que este saber é, ao mesmo tempo, pessoal (pois é o julgamento de um ser específico) e social (este ser faz uso dos saberes circulantes na sociedade para construir seu julgamento). (PROCÓPIO-XAVIER, 2012 apud CARNEIRO; PROCÓPIO, 2018, p.06).

Além de não evidenciarem os princípios de uma apuração jornalística responsável, pautando-se apenas em julgamentos e apreciações de ordem individual, é importante ressaltar que no contexto jornalístico analisado, não houve o respeito aos direitos individuais. Amparados numa pretensa ideia de liberdade de imprensa, os jornalistas não agiram com responsabilidade ética, tampouco obedeceram aos princípios de privacidade e dignidade em suas declarações.

A seguir, apresentaremos os principais imaginários sociodiscursivos depreendidos de nossas análises.

### **3.1 Imaginário Sociodiscursivo da Mentirosa e da Criminosa**

Durante toda a narrativa criada por Antonia Fontenelle e Leo Dias sobre a história de Klara Castanho, é possível observar discursos e opiniões específicas que circulam em determinados grupos na sociedade e que estão fundamentados em uma regra moral. Vejamos o excerto abaixo:

I. *"uma pessoa que está enganando todo mundo"* (LEO DIAS)

No primeiro destaque, o jornalista emprega o verbo enganar, que mobiliza o campo semântico da mentira, de uma dimensão ética questionável. O alvo do engano, da mentira seria toda sociedade, que no caso, está privada de saber a verdade, por uma conduta desleal da atriz. Contudo, não é posto em apreciação o fato de a situação não ocultada ser de foro íntimo, portanto, não seria algo de domínio ou interesse público, o que isentaria a atriz de um rótulo de mentirosa. Essa construção é repetida em outras vezes, pelo jornalista, ao descrever a situação como “maldade”.

Para além das alegações que se ancoram em uma representação ética desfavorável de Klara, a jornalista Antonia Fontenelle chega a dizer

- II. *“Parir uma criança e não querer ver e mandar desovar para o acaso é crime, sim, só acha bonitinho essa história de adoção quem nunca foi em um abrigo, ademais quando se trata de uma criança negra. O nome disso é abandono de incapaz”* (ANTONIA FONTENELLE)

O verbo *desovar* é constantemente usado em contextos de criminalidade para se referir ao ocultamento de corpos, geralmente provenientes de assassinatos. Assim, percebemos que a jornalista acusa a atriz de um crime (sem provas), o faz mobilizando um léxico de um contexto semântico da criminalidade (*desovar*) e ainda apresenta a ausência elementos de justificação para o mesmo (ao acaso), informações que, no caso, são depreendidas e reveladas sem uma devida explicação.

No mesmo trecho, a jornalista acusa a atriz de um segundo crime: abandono de incapaz. Neste momento, ela ignora a possibilidade legal de entrega de uma criança para adoção, prevista pela lei 13.509/2017 artigo 19-A do Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>15</sup> e descontextualiza a ação da atriz.

Por fim, considera-se também implícita a suspeita de que a criança gerada por Klara poderia ser negra, pelo destaque “ademais quando se trata de uma criança negra”, relacionando ao contexto da adoção. Por essa suspeita, pode-se também inferir uma suspeita de crime de racismo.

### **3.2 Imaginário Sociodiscursivo da Peadora**

Além da dimensão ética, manifestada pela oposição verdade *Vs* mentira, observamos também a mobilização de uma moral religiosa. Destacamos o excerto abaixo:

- I. A atriz sobre a qual falavam teria um *"carma grande"* por ter feito uma *"maldade"* (LEO DIAS)

Quando o jornalista emprega a expressão *carma grande* expressa o universo semântico religioso budista e hinduísta, replicado no senso comum, no qual o carma é referente às consequências provenientes das ações boas ou más praticadas por alguém em uma vida (encarnação). Por tal mobilização, acreditamos que o jornalista deseja ancorar sua validação em um argumento de natureza religiosa (saber de crença de revelação, nas palavras

---

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm). Acesso em: 06 de julho de 2023.

de Charaudeau, 2017) de fácil reconhecimento social para apreciar como negativas as ações praticadas pela atriz.

A ancoragem em um imaginário religioso também se faz presente no fragmento abaixo:

- II. *"Ela chorou, disse que se mataria se a notícia vazasse e que isso aí aconteceu porque foi vítima de um estupro. A religião dela não permite que ela abortasse, mas a religião dela permite que ela tenha uma criança e fale: 'Não quero saber, não quero ver, tira de mim'"*(ANTONIA FONTENELLE)

No trecho destacado percebemos que a jornalista apresenta as supostas reações da atriz balizadas por uma vinculação com dogmas religiosos professados pela atriz. A jornalista faz uso do substantivo *permissão* conferindo, assim, um lugar de autoridade para os preceitos religiosos mobilizados no contexto. A religião, nesse contexto, assume um lugar de poder, é ela que dá o aval para a realização de determinadas ações. Contudo, percebe-se um questionamento implícito desta religião, ao usar o operador adversativo *mas*, para problematizar o que a religião não permite (o aborto) em contraposição ao que a religião permite, isto é, não querer olhar e permanecer com a criança. Cumpre ainda destacar que, na declaração, Antonia Fontenelle atribui uma citação direta à Klara, ainda que não tenhamos como provar se ela tenha sido, literalmente, essa a expressão da atriz.

Os trechos destacados tendem a construir o imaginário de Klara como pecadora, uma vez que ela não se vincula aos preceitos religiosos. Suas ações trariam para ela consequências morais negativas, as quais levarão a consequências, dentre as quais destacamos o julgamento público.

### **3.3 Imaginários Sociodiscursivos referentes ao Machismo, ao mito do Amor Materno e ao Controle dos Corpos Femininos**

Na maior parte dos trechos por nós coletados, consideramos estar evidente a mobilização de discursos de cunho machista e conservadora, os quais acreditam que as mulheres devem abdicar de suas vidas para se tornarem mães e se encaixarem em papéis sociais vistos como os ideais, tal como esposa e dona de casa. Segundo Mary Pimentel Drumont (1980, p. 81). “em termos de colocação adotada, o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. Logo, desde crianças, os meninos são apresentados a um mundo cheio de oportunidades de empregos, dinheiro e uma vida bem

sucedida, enquanto as meninas são ensinadas a como cuidar do espaço doméstico, serem frágeis e femininas e precisarem de alguém para protegê-las. Neste caso, percebemos explicitamente a mobilização de saberes de crença de opinião que se ancoram também em saberes de crença de revelação (doutrinários, ideológicos). Vejamos um exemplo:

- I. *"Essa menina engravidou, escondeu a gravidez, inclusive trabalhou durante a gravidez, pariu o filho dela e segundo as informações que ele [Leo Dias] têm, pediu para o hospital apagar a entrada dela no hospital e [disse] que nem queria ver o filho. Mandou dar o filho: 'Tira, quero nem ver'" (ANTONIA FONTENELLE)*

No trecho acima percebemos que a jornalista se refere à atriz como *menina*, o que de certa maneira, poderia ressaltar numa contextualização da jovialidade de Klara. Contudo, essa pouca idade de Klara não é mencionada para problematizar a violência sofrida pela jovem, mas para infantilizá-la e, novamente, julgar suas ações. Tais ações, são encadeadas de maneira dependente e conseqüente a essa jovialidade/infantilização: engravidar; esconder a gravidez; trabalhar durante a gravidez; parir a criança; pedir para apagar registros no hospital; não querer ver o filho; mandar dar o filho. Interessante, inclusive, observar o emprego do verbo *mandar*, que indicaria a posição autoritária e, em alguma medida inconseqüente (pela representação da jovialidade) pela atriz.

No mesmo trecho também aparece evidenciado o questionamento ao fato da atriz ter trabalhado durante o período da gravidez, demarcado pelo destaque feito com a expressão *inclusive*. Essa construção parece retomar o imaginário machista e patriarcal de que o lugar de mulher é o ambiente doméstico e que, principalmente no exercício da função materna, esta deveria ser a sua prioridade e que confina a mulher à sua própria "natureza", o que perpetua a diferença entre homens e mulheres, marcando a mulher em um contexto de submissão, desqualificação e desvalorização. (OLIVEIRA, 2018, p. 503)

Essa exaltação da condição materna feminina é construída de modo naturalizada, previsível e consolidada. Segundo a autora Gabatz *et al* (2013), a mulher é cobrada pela sociedade a desenvolver um amor incondicional e de se abdicar de suas vontades e anseios para se dedicar aos filhos. Contudo, o amor materno não é inato, mas construído a partir da relação de cuidado que se estabelece. É um sentimento que pode existir ou não, não sendo inerente às mulheres, mas sim, adicional.

O mito do amor materno propõe, pois, uma condição universalizante para as mulheres, que pode ser verificada no excerto abaixo:

- II. *"nunca vou compreender uma mãe que gera um filho em seu ventre e não consegue ter amor por ele"* (ANTONIA FONTENELLE)
- III. *"O médico não teve nenhuma empatia por mim. Eu não era uma mulher que estava grávida por vontade e desejo, eu tinha sofrido uma violência. E mesmo assim esse profissional me obrigou a ouvir o coração da criança, disse que 50% do DNA eram meus e que eu seria obrigada a amá-lo"* (KLARA CASTANHO)

A partir dessas falas, podemos perceber que a jornalista assume o posto de mulher universal, aquela que invariavelmente irá amar o filho gerado e, assim como o médico mencionado por Klara em sua carta, acredita que “a função de boa mãe monopoliza integralmente a vida da mulher que, deixa de lado os próprios sentimentos e desejos em prol do amor dedicado aos filhos. Presa a essa função, a mulher não mais poderá abandoná-la sob pena de condenação moral. Se condenavam moralmente ainda todas as que não podem exercer com perfeição o seu papel, o que dificultou a efetiva inserção da mulher no mercado de trabalho e, surgiu o desprezo ou piedade pelas mulheres que não possuíam filhos, sem levar em consideração os motivos para tal” (BADINTER, 1985 apud CARVALHO; SCHIAVON; SACCO, 2018, p.05).

Ainda na esteira dos imaginários do machismo, podemos dizer que, na sociedade patriarcal na qual vivemos, mulheres têm suas dores e vontades invalidadas todos os dias, tendo seus direitos e a posse sobre seus corpos roubados. No trecho abaixo, vimos ser colocada em suspeição a violência e o crime cometido contra a atriz:

- IV. *"Se é vítima de um estupro, por que no dia seguinte não foi lá tomar providências pra não deixar virar um um feto, pra não virar um aborto, uma vez que é contra o aborto?"* (ANTONIA FONTENELLE)

A construção de condicionalidade evidenciada pela partícula *se*, coloca em questionamento o estupro sofrido por Klara. Este tipo de atitude costuma ser facilmente replicada socialmente, no que tange a uma culpabilização da vítima. Os questionamentos podem vir de natureza diversa: discute-se a roupa das vítimas, a permissividade para abordagem sexual e, no caso em análise, questiona-se a palavra da vítima. A dúvida é o próprio relato da atriz, uma vez que são também questionadas as ações decorrentes da violência por ela sofrida.

Vale ainda destacar que a temática do aborto é também constantemente destacada nas falas dos jornalistas. Como no excerto acima, apesar de se reconhecer que a atriz não realizou com o aborto, o que seria valoramente aceito pela moral religiosa evocada em outros momentos, apressa-se em contruir quase uma equiparação entre a prática de interrupção de

uma gestação em curso (no caso, proveniente de um estupro) e a entrega voluntária de uma criança para a adoção.

O imaginário da violência e da objetificação dos corpos femininos é também mobilizado por Klara mas, no caso, para realocalizá-los. Em sua carta aberta, publicada em seu instagram, a atriz expressa:

- V. *“Pensei que levaria essa dor e esse peso somente comigo. Sempre mantive a minha vida afetiva privada, assim, expô-la dessa maneira é algo que me apavora e remexe dores profundas e recentes. No entanto, não posso silenciar ao ver pessoas conspirando e criando versões sobre uma violência repulsiva e de um trauma que sofri. Fui estuprada. Relembrar esse episódio traz uma sensação de morte, porque algo morreu em mim.”* (KLARA CASTANHO)
- VI. *“Mas mesmo tentando levar uma vida normal, os danos da violência me acompanharam. Deixei de dormir, deixei de confiar nas pessoas, deixei uma sombra apoderar-se de mim.”* (KLARA CASTANHO)
- VII. *“Como mulher, eu fui violentada, primeiramente, por um homem e, agora, sou reiteradamente violentada por tantas outras pessoas que me julgam. Ter que me pronunciar sobre um assunto tão íntimo e doloroso me faz ter que continuar vivendo essa angústia que carrego todos os dias.”* (KLARA CASTANHO).

Julgamentos como os sofridos pela atriz são os reflexo de uma sociedade que não permite que mulheres façam suas próprias escolhas sobre suas vidas e seus corpos e, por isso, toda e qualquer decisão que vá contra a mulher ficar restrita ao papel de mãe, será julgada e condenada. Segundo Gonzalez (2022), “a sociedade machista em que vivemos culpa e julga a mulher sempre: se ela é estuprada, se engravida, se aborta, se doa o bebê, se adota. Além de tudo, revitimiza a mulher várias vezes quando ela deveria ser cuidada - revitimizar é fazer com que a pessoa continue sofrendo e sendo atacada várias vezes revivendo o trauma.” (UNIVERSA UOL, 2022).

### **3.4 As imagens de si projetadas**

Como já dito neste trabalho de conclusão de curso, o *ethos* consiste em causar uma boa impressão pela forma como é construído no discurso, de modo que a imagem a ser estruturada, ganhe a confiança do público e diversos fatores são analisados para conquistar a adesão do público.

A comunicação feita por um locutor não pode partir de uma construção singular sem relação com a realidade vivida, por motivos já explicitados a utilização de uma doxa comum é essencial. Por conta disso, é necessário relacionar as construções do *ethos* (a imagem de si ao construir um discurso) aos modelos culturais já existentes. (...) Portanto, é necessário que, para se fazer entender, o locutor estabeleça uma conexão

com os contextos culturais de dada situação, deixando assim uma marca de seu ponto de partida. (JÚNIOR, 2019, p.60)

Compreendemos, então, que no momento em que enunciam, os enunciadores do caso, tentam projetar para si imagens, que mobilizem repertórios avaliativos sobre o caso. Interessa-nos, especialmente, a construção das imagens das enunciantoras mulheres, Antonia Fontenelle e Klara Castanho.

### 3.4.1 Antonia Fontenelle

Julgamos importante destacar que, ao mobilizar saberes de crença de opinião relativa e coletiva para fundamentar os imaginários negativos sobre a atriz Klara Castanho e sua conduta, a jornalista Antonia Fontenelle tenta, por oposição, construir para si a imagem de uma mulher valorosa, pautada por marcas religiosas e conservadoras. Destacamos as construções abaixo:

- I. *"nunca vou compreender uma mãe que gera um filho em seu ventre e não consegue ter amor por ele"* (ANTONIA FONTENELLE)
- II. *"E aí a coisa que mais me doeu foi, pelo amor de Deus, cadê essa criança? Se for o caso, eu crio, procuro alguém que queira criar essa criança. Essa criança não pode ser jogada fora"* (ANTONIA FONTENELLE)

Na primeira declaração mobilizada (e anteriormente já problematizada), Antonia tenta criar para si o *ethos* de uma mulher, de uma mãe que não se reconhece nas ações de Klara. Ela se coloca como pertencente ao grupo universal das mulheres, no qual incide a coincidência com esse *papel natural* da maternidade. Inclusive, essa imagem é reforçada pela projeção de uma benevolência da jornalista, que se oferece para *criar*, ou para encontrar alguém que crie essa criança. Nesse ponto, a jornalista revela, inclusive, desconhecimento dos processos norteadores da adoção no Brasil.

### 3.4.2 Klara Castanho

A partir da carta aberta e da participação de Klara Castanho no programa *Altas Horas*, pode-se construir um conjunto de características que estruturam o discurso realizado pela atriz em seu primeiro pronunciamento publicamente. Ao revelar ao público uma parte de sua história que ainda não havia sido contada e que ela desejava que outras pessoas enxergassem:

- I. *E meu coração tá muito acelerado... É muito provável que em algum momento eu vá chorar.* (KLARA CASTANHO)
- II. *Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, eu cheguei no meu limite do que eu poderia, deveria e consigo falar.* (KLARA CASTANHO)

- III. *Eu fui obrigada a trazer a público a coisa mais difícil da minha vida. Eu nunca imaginei que eu teria que falar e lidar com isso além das pessoas que involuntariamente foram incluídas na história, que foi a minha família. (KLARA CASTANHO)*
- IV. *Eu tenho minha família como base da minha vida, minha família é tudo pra mim, sempre foi e ter o apoio da minha família e saber que eu podia contar com eles e que eles estariam do meu lado em todas as circunstâncias, pra mim foi crucial de início e sempre. (KLARA CASTANHO)*
- V. *Eu tive, profissionalmente, pessoas que foram muito cruciais na minha vida e que são cruciais desde sempre, mas que nesse momento me ajudaram a entender como a barra seria segurada, e assegurar a barra. Eles dividiram o peso comigo, para que as coisas fossem, não mais leves, porque não foram leves em momento nenhum, mas pra que eu conseguisse passar um dia após o outro. (KLARA CASTANHO)*
- VI. *Eu amo fazer o que eu faço, é o que me impulsiona, então as pessoas virem falar sobre o meu trabalho, me deu força e me fez continuar dia após dia. (KLARA CASTANHO)*

Castanho projetou em seu discurso uma prévia da imagem que o público criava sobre ela (*ethos* pré-discursivo), esperando que ela se pronunciasse publicamente sobre os crimes que ela sofreu e sobre como muitas pessoas a julgam, devido a forma distorcida que sua história foi compartilhada:

- VII. *As pessoas acham que elas podem tudo e por elas estarem protegidas por uma tela preta, elas têm a falta de compaixão cada vez mais explícita. A minha história foi contada de forma torta e ainda bem que a minha rede social me proporcionou a minha voz, mas ali eu encontrei todos os tipos de pessoas. Pessoas que não tinham ideia do que estavam falando, pessoas que leram uma manchete e assumiram que aquilo era a grande realidade. E existe uma grande falha de comunicação geral, que é: as pessoas nunca vão querer saber duas vezes da mesma história. Elas sempre vão absorver a primeira informação. A minha informação foi a segunda, é a verdade, mas foi a segunda. Então o ruído de informação vem até hoje. (KLARA CASTANHO)*

O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. Certamente existem tipos de discurso ou de circunstâncias para os *ethos* discursivo, quais não se espera que o destinatário disponha de representações prévias do *ethos* do locutor: assim é quando lemos um texto de um autor desconhecido. Mas isso funciona de outro modo no domínio político ou na imprensa “de celebridades”, por exemplo, em que a maior parte dos locutores, constantemente presentes na cena midiática, é associada a um tipo de *ethos* não-discursivo que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. (MAINGUENEAU, 2008, p.15-16)

Em detrimento do que lhe aconteceu, Klara Castanho acabou se tornando um símbolo de empoderamento para muitas mulheres que já vivenciaram situações parecidas com a da atriz e que não tiveram força e apoio para denunciar os crimes. Sendo assim, a atriz se tornou um símbolo de força e coragem para essas tantas outras vítimas dessa sociedade misógina, e Klara reconhece essa sua nova construção de imagem após o ocorrido (ethos discursivo):

- VIII. *E querendo ou não, eu me tornei imagem de um acontecimento e essas pessoas me deram força pra continuar.* (KLARA CASTANHO)
- IX. *Minha mãe me contou depois de um tempo, que eu recebi 800 e-mails no dia que eu postei a carta, de pessoas não só demonstrando compaixão, mas compartilhando a própria história, compartilhando as próprias violências, as próprias passagens.* (KLARA CASTANHO)

Além de seu discurso, Klara conversa com sua platéia por meio de olhares e gestos, sorrindo, se emocionando e agradecendo pelo apoio e carinho que estava recebendo. Estas atitudes são somadas ao que foi dito, e assim, levado para o julgamento final pelos destinatários.

Importa muito para o sucesso da causa que sejam postos favoravelmente à luz costumes, princípios, fatos e gestos, a conduta do orador e de seu cliente; inversamente, em exposição desfavorável o que concerne ao adversário, de modo a inclinar o quanto possível as disposições dos juízes para uma benevolência em relação a si mesmo e àquele que se está defendendo. (...) Outras qualidades do orador somam-se ao efeito produzido: a doçura da voz, o ar do semblante, a amenidade da fala, a impressão de que, se ele se deixa levar por um ataque inflamado, é contra sua vontade. É muito fácil dar a ver as marcas de um humor dócil, de uma alma generosa, boa, sensível, acolhedora, protegida contra os desejos cobiçosos. Tudo o que indica a lisura, a modéstia, um caráter isento de amargura e de furor, inimigo dos litígios e das controvérsias, atrai a benevolência e indispõe contra os que não têm essas qualidades (CICERON, 1985 apud MAINGUENEAU, 2008, p.14-15).

Assim, é possível perceber que “o discurso é uma atividade em si, nunca está pronto, porque a escolha lexical é pensada anteriormente para que seja criada a credibilidade na fala do enunciador da mensagem. Em outras palavras, a comprovação do ethos consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, mostrar uma imagem de si que convença os seus destinatários para ganhar a sua confiança. Desta forma, o ethos está ligado à própria enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o locutor” (COSTA, 2015, p. 06). Durante o programa, é possível observar Klara ganhando a confiança das pessoas com a construção do seu pronunciamento, recebendo o apoio por meio de palmas, abraços e, também, pelas falas de Serginho Groisman, que demonstrou apoio à atriz:

- X. *Oh Klara! De verdade, eu espero e eu sinto que você está sendo acolhida aqui, porque, enfim, a gente se conhece, pelos programas, pela tua vocação e qualidade como atriz desde pequenininha, que não cresceu muito, mas, enfim...*

*eu sei o quanto você tem a energia boa sempre e como todo mundo foi tocado pela sua história e, que eu tenho certeza que todo mundo aqui tá na mesma energia e na mesma sintonia de paz e harmonia que você merece, tá bom?*  
(SERGINHO GROISMAN)

Observa-se como o *ethos* se constrói a partir de diferentes processos e não apenas pela oratória do enunciador, de como que cause uma boa impressão e ganhe a confiança do público por meio de gestos, conduta, formas de falar, semblante e até mesmo o ambiente que a pessoa se encontra.

O autoritarismo patriarcal ainda é determinante para como as pessoas enxergam que as mulheres devem se portar perante a sociedade e sobre quais espaços elas devem ocupar. Contudo, quando uma mulher se empodera e resolve ir contra essa estrutura social, ela emana poder feminino para outras mulheres. Klara Castanho foi vítima de uma exposição irresponsável nas redes sociais, o que resultou em inúmeros comentários e julgamentos sobre suas decisões, devido ao pensamento machista de que as mulheres devem reivindicar toda suas vidas para se dedicarem à maternidade. É inegável que “mulheres que colocam em primeiro lugar suas realizações pessoais, são mal vistas por muitas pessoas que reproduzem o machismo, é como se ela não tivesse o direito de ter vontades, sonhos, ambições e que sua função de ser uma boa dona de casa e mãe são os principais quesitos esperados delas.” (GALETTI, 2013, p.75) Contudo, apesar da atriz ter sofrido com as inúmeras críticas que lhe foram acometidas, ela reivindicou seus direitos e rompeu com uma estrutura que instaura a inferioridade da mulher na sociedade.

Em sua participação no programa *Altas Horas*, que foi uma gravação especial do mês das mulheres, Klara demonstrou sua força para passar pelo momento mais difícil de sua vida, afirmando que, apesar de todo os julgamentos e críticas que recebeu, isto não a impediu de continuar seguindo sua vida e de denunciar todos os crimes que vivenciou:

- XI. *"Tem uma coisa que eu quero deixar aqui registrado, já que é a única coisa que ainda tentam usar contra mim de alguma forma. Depois que eu vim a público, de novo, de forma forçada, eu denunciei todos os crimes aos quais eu fui submetida. Todos! Sem nenhuma exceção! E o que me resta neste momento, e ainda bem, é confiar na justiça. E eu confio muito! Não só na justiça daqui, mas numa justiça muito maior. Eu fiz o que eu podia, como eu podia, o que o meu psicólogo podia aguentar e pôde.(...) A minha história serviu pra que eu entendesse que a Internet não é mais o mundo de ninguém, ela não é mais terra de ninguém! Agora, querendo ou não, a gente acha quem são as pessoas e ainda bem! Nada passou! Nada passou! Mas, se for pra falar de uma parte boa de ter rede social nesse momento, é poder me conectar tanto com as pessoas. E o quanto as pessoas quiseram falar sobre o meu trabalho. Isso pra mim, essa virada das pessoas virem falar comigo sobre o meu trabalho, em um momento que o meu trabalho era tão crucial*

*pra mim, foi tão importante! Foi tão necessário! Foi tão forte! Eu amo fazer o que eu faço, é o que me impulsiona, então as pessoas virem falar sobre o meu trabalho, me deu força e me fez continuar dia após dia. E querendo ou não, eu me tornei imagem de um acontecimento e essas pessoas me deram força pra continuar.” (KLARA CASTANHO)*

Conforme nos aponta Berth (2019, p.37), “enquanto uma comunidade não se empodera, ele continua em constante fragilidade social e exposto às violências que atingem sua coletividade”. Entendemos que relatos publicizados como os de Klara Castanho contribuem não apenas para a promoção de uma autoimagem favorável, mas também podem funcionar como instrumento de emancipação para outras mulheres, principalmente de mulheres que vivem numa mesma realidade de violências e misoginia. Além de ter buscado seus direitos e lutado contra um sistema que tenta a todo momento encaixar mulheres em específicos papéis na sociedade, Klara Castanho conseguiu, com sua história, atingir outras mulheres que também passaram por experiências semelhantes a dela e demonstrar força para que elas também assumissem uma postura contra o patriarcalismo.

XII. *Minha mãe me contou depois de um tempo, que eu recebi 800 e-mails no dia que eu postei a carta, de pessoas não só demonstrando compaixão, mas compartilhando a própria história, compartilhando as próprias violências, as próprias passagens. (KLARA CASTANHO)*

A solidariedade e preocupação do outro são de extrema importância para se ter força e coragem de ir contra um sistema. Castanho reforçou a importância de se ter uma rede de apoio e sobre como isso foi fundamental para que ela conseguisse seguir em frente com suas lutas.

XIII. *Eu tive uma rede de apoio impecável! Eu tenho minha família como base da minha vida, minha família é tudo pra mim, sempre foi e ter o apoio da minha família e saber que eu podia contar com eles e que eles estariam do meu lado em todas as circunstâncias, pra mim foi crucial de início e sempre. Mas naquele primeiro momento, do baque e do que tá acontecendo e você entender, minha família foi crucial. Minha rede de apoio se estendeu para muita gente necessária, como a minha preocupação se expandia, não só da minha saúde mental, eu sempre tive acompanhamento psicológico, porque sempre foi necessário, sempre é necessário. Eu tive, profissionalmente, pessoas que foram muito cruciais na minha vida e que são cruciais desde sempre, mas que nesse momento me ajudaram a entender como a barra seria segurada, e a segurar a barra. Eles dividiram o peso comigo, pra que as coisas fossem, não mais leves, porque não foram leves em momento nenhum, mas pra que eu conseguisse passar um dia após o outro. E é um processo diário ainda, é uma coisa que vai me acompanhar e é um momento da minha vida que vai me acompanhar durante muitos anos, é um olhar que vai mudar durante os anos. (...) Viver na época das redes sociais é terrível! É terrível! As pessoas acham que elas podem tudo e por elas estarem protegidas por uma tela preta, elas têm a falta de compaixão cada vez mais explícita. (KLARA CASTANHO)*

Desse modo, percebe-se que a principal arma de uma mulher é a vontade de mudar o contexto histórico em que vive e influenciar outras mulheres a também promover mudanças necessárias na sociedade, para que assim, conquistem seus direitos de uma vida sem violências e com suas ambições e realizações sendo respeitadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises, podemos perceber como discursos que circulam em diferentes grupos sociais podem ser reproduzidos de modo que opiniões sejam transformadas em doutrinas e julgamentos, e como toda interação comunicacional se regula por normas socialmente reconhecidas e previamente determinadas, já que acontece a partir de um contrato de comunicação, que é um pacto estabelecido entre os sujeitos envolvidos.

Os imaginários sociodiscursivos são mecanismos que vêm como formas diferentes de construir sentido e transformando nosso entendimento em algo possível de ser compartilhado coletivamente, o que se relaciona com o modo de como uma sociedade machista tem vinculado o pensamento de que mulheres devem sempre servir aos homens e ter suas vontades invalidadas.

Klara Castanho teve sua vida exposta e sua verdade foi colocada em julgamento por milhares de pessoas, as quais lhe exigiram explicações sobre um acontecimento íntimo de sua vida. A atriz foi vítima de uma sociedade machista e conservadora, que tem como um estereótipo idealizado mulheres que representam uma figura materna e casta e quando ela se colocou em primeiro lugar e foi em busca de seus direitos protegidos por lei, ela foi julgada e crucificada por pessoas que não aceitavam que ela tivesse controle sobre seu próprio corpo.

A partir dos acontecimentos analisados neste trabalho, também identificamos como o aumento da exposição nos meios comunicacionais têm ultrapassado os limites entre a vida pública e particular das pessoas, as colocando em um lugar de vulnerabilidade e de julgamentos alheios. Uma das principais vítimas desse novo meio comunicacional tem sido as mulheres, as quais são punidas socialmente quando não seguem os padrões pré estabelecidos por uma sociedade conservadora.

Por isso, existe a necessidade de um empoderamento coletivo, no qual as pessoas se conscientizem e rompam com estereótipos criados por estruturas autoritárias e conservadoras. Atitudes como a da jornalista Sandra Annenberg e da cantora Roberta Miranda, foram de extrema importância para fortalecer o discurso de empoderamento de Klara, durante seu pronunciamento no programa Altas Horas, e essencial para conscientizar sobre a necessidade de apoiar outras mulheres em suas lutas.

A partir do discurso de Klara durante o programa, também é possível observar como este acontecimento de sua vida ainda a machuca e lhe deixa fragilizada. Contudo, apesar das dificuldades para seguir em frente, as críticas e os julgamentos que a atriz recebeu não a impediu de continuar seguindo sua vida e conquistando seus sonhos, e atitudes como as dela, são de extrema importância para mudar um contexto histórico repleto de violências contra mulheres.

Por fim, é necessário ressaltar a necessidade de um jornalismo responsável, que tenha cuidado sobre as informações produzidas e empatia com as fontes envolvidas no fato anunciado. Em uma época de redes sociais, em que qualquer pessoa consegue produzir conteúdos, uma alfabetização midiática e uma preocupação com a disseminação de informações se alinham com a ética no jornalismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, O. Objetificação feminina: como essa cultura nasceu? Linus, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://uselinus.com.br/blogs/li-na-linus/objetificacao-feminina>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, 1(2), 73-88, 2008.

BRASIL, **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 29 de junho de 2023.

BRASIL, **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm). Acesso em: 25 de abril de 2023.

CARNEIRO, Amanda Cristina Silva; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA ATRAVÉS DOS RELATOS DO PROJETO SP INVISÍVEL. **Anagrama**, v. 12, n. 1, 2018.

CARVALHO, Janine Pestana; SCHIAVON, Amanda de Almeida; SACCO, Airi Macias. A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero. **Realize Editora**, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. **As emoções no discurso**, v. 2, p. 23-56, 2010

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, v. 7, n. 1, p. 571-591, 2017.

Código Penal. *Artigo 128 do Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Jusbrasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10624811/artigo-128-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. Hipersexualização frente ao empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. **Anais do Seminário de Gênero e Sexualidade**, 2018.

COSTA, Patrícia Garcia. A construção do ethos feminino no programa televisivo The Love School. **Mandrágora**, v. 23, n. 1, p. 71-92. Disponível em: <http://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoes-anteriores/2015/anais/analise-de-discurso-em-questao>. Acesso em: 07 de julho de 2023

DE ALMEIDA, Fabricio; FIDALGO, Roberta. A cultura de culpabilização da vítima no crime de estupro—“As Medusas Contemporaneas”. **Cadernos de Direito**, v. 20, n. 39, p. 125-140, 2021.

DE CARVALHO FREITAS, Júlia Castro; DE MORAIS, Amanda Oliveira. Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 27, n. 1, p. 109-126, 2019.

DE DUTRA, Q. F. O caso Klara Castanho e a LGPD. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/368891/o-caso-klara-castanho-e-a-lgpd>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

DE FÁTIMA DELBONO, Benedita. Direito à Comunicação: Proteção Jurídica na Era da Pós-Verdade. **Interfaces da Comunicação**, v. 1, n. 1, 2023.

DE OLIVEIRA, Célia Zeri; CAMPOS, Jailma Bulhões; DE OLIVEIRA, Márcia Andréa Almeida. A ANÁLISE DO DISCURSO: uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 31, n. 03, p. 41-67, 2022.

DE OLIVEIRA, Romilda Sergia. O corpo feminino: erotização e objetificação. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, v. 2, n. Especial, p. 497-508, 2018.

DE OLIVEIRA, Rosane Cristina; LIMA, Jacqueline de Cássia Pinheiro; GOMES, Raphael Fernandes. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 1, 2018.

EVANGELISTA, Jâmyle Kilma da Silva *et al.* Tensões entre o Público e o Privado a partir de um estudo de caso da Digital Influencer Nara Marques. João Pessoa, PB: Intercom, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1074-1.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo. Junho, 1997. p. 9-33.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 24, 2012.

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi et al. A violência intrafamiliar contra a criança e o mito do amor materno: contribuições da enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 3, p. 563-572, 2013.

GALETTI, Carolina Hildebrand. Empoderamento feminino e trajetória de vida: os modelos rígidos do “ser mulher”. **Revista vernáculo**, n. 31, 2013.

GONZALEZ, M. “Sociedade machista culpa mulher”: colunistas comentam caso Klara Castanho. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/26/controlado-corpo-da-mulher-c-olunistas-comentam-caso-klara-castanho.htm>. Acesso em: 01 de junho de 2023.

INFORMAÇÃO, C. I.-D. D. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 5 jul. 2023.

IOP, Elizandra. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. **Visão Global**, v. 12, n. 2, p. 231-250, 2009.

JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira Silva. Ethos: uma proposta classificatória para a utilização do conceito na área da comunicação. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, p. 54-68, 2019.

Klara Castanho chora ao falar no Altas Horas sobre violência que sofreu. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/klara-castanho-chora-ao-falar-no-altas-horas-sobre-violencia-que-sofreu.ghtml>. Acesso em: 27 de junho de 2023.

LANA, Lígia. Jornalismo de celebridade, interesse humano e representações femininas na contemporaneidade. **Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo. Porto Alegre, Sulina**, p. 174-193, 2014.

LEMONS, V.; LUIZ, T. Colunismo Social e Jornalismo Opinativo: Um Debate Epistemológico. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, XIX**. 2017. p. 1-15.

LONTRA, Eduarda Martins. ANÍ LISE DOS COMENTÍ RIOS JORNALÍ STICOS NO PROGRAMA FOCALIZANDO. **Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU**, v. 4, n. 1, p. 188-204, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. **Ethos discursivo. São Paulo: Contexto**, p. 11-29, 2008.

MARTINS, LARICE CAROLINA PEREIRA; HEDLUND, MARJANA DA SILVA; HAUSER, ESTER ELIANA. LIBERDADE SEXUAL, EMANCIPAÇÃO FEMININA E OBJETIFICAÇÃO DE CORPOS NAS REDES VIRTUAIS DE INTERAÇÃO. **Salão do Conhecimento**, v. 6, n. 6, 2020.

MATOS, Maria.I. S; SOIHET, Raquel. **O Corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NUNES, M. C. A., & MORAIS, N. A. (2016). Violência sexual e gravidez: percepções e sentimentos das vítimas. *Revista da SPAGESP*, 17(2), 21-36.

NUNES, Mykaella Cristina Antunes; LIMA, Rebeca Fernandes Ferreira; MORAIS, Normanda Araujo de. Violência sexual contra mulheres: um estudo comparativo entre vítimas adolescentes e adultas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, p. 956-969, 2017.

O caso Klara Castanho, um exemplo da decadência do esclarecimento em tempos de mídias sociais e crenças obtusas. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-caso-klara-castanho-um-exemplo-da-decadencia-do-esclarecimento-em-tempos-de-midias-sociais-e-crencas-obtusas/>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

O jornalismo cuidadoso salva vidas. Disponível em:  
<https://www.coletiva.org/dossie-cuidado-n29-artigo-o-jornalismo-cuidadoso-salva-vidas>.

Acesso em: 01 de junho de 2023.

PROCOPIO, Mariana Ramalho. A mobilização de estratégias na tessitura discursiva de biografias. **Revista Intersecções**, v. 8, n. 15, p. 38-58, 2015.

ROCHA, Iêgo Paulino, Objetificação do corpo feminino e a cultura do estupro. Centro Universitário Dr Leão Sampaio. 2018.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. 2012.

SILVA, Tacyanne Rodrigues da. Jornalismo de celebridade: análise de conteúdo do site Ego.

STEVANATTO, L. O que Leo Dias e Fontenelle falaram sobre o caso de Klara Castanho?

Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

TAHAN, L. Metrôpoles e Leo Dias reforçam compromisso com rigor e ética no jornalismo.

Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-e-leo-dias-reforcam-compromisso-com-rigor-e-etica-no-jornalismo>. Acesso em: 27 de junho de 2023.

## ANEXO 1 - Depoimento Klara Castanho no Programa Altas Horas (íntegra)

**Klara:** Antes de mais nada eu quero muito agradecer a todos vocês, eu escolhi vir aqui porque, principalmente, você, Serginho, é muito cuidadoso. Sempre me recebeu muito bem, é uma plateia sempre muito amistosa, muito cuidadosa, muito respeitosa. E meu coração tá muito acelerado (risada nervosa)... É muito provável que em algum momento eu vá chorar (risada nervosa) É... eu quero te agradecer, de verdade, por este espaço. Foi um período de recolhimento voluntário. Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, eu cheguei no meu limite do que eu poderia, deveria e consigo falar. Eu quero antes de mais nada, abrir o programa falando sobre isso, porque eu sei que é um assunto latente. Eu sei que, por ser a minha primeira vez publicamente, é o que as pessoas querem saber. É o que as pessoas estão em busca. (Voz embargada) Eu fui obrigada a trazer a público a coisa mais difícil da minha vida. Eu nunca imaginei que eu teria que falar e lidar com isso além das pessoas que involuntariamente foram incluídas na história, que foi a minha família. Eu tenho muita sorte de ter recebido muito acolhimento, as pessoas foram muito gentis comigo. Eu tenho uma rede de apoio maravilhosa, uma equipe que me acolheu, me defendeu e me defende. Eu recebo mensagens de muito carinho, por mais que as pessoas não entendam, elas escolheram respeitar a minha decisão e tem uma coisa que eu quero deixar aqui registrado, já que é a única coisa que ainda tentam usar contra mim de alguma forma. Depois que eu vim a público, de novo, de forma forçada, eu denunciei todos os crimes aos quais eu fui submetida. Todos! Sem nenhuma exceção! E o que me resta neste momento, e ainda bem, é confiar na justiça. E eu confio muito! Não só na justiça daqui, mas numa justiça muito maior. Eu fiz o que eu podia, como eu podia, o que o meu psicólogo podia aguentar e pôde. (Voz embargada) E que bom que eu tô aqui. Que bom que é com você. Que bom que é com mulheres tão fortes, mulheres tão potentes e aí... finalmente eu consigo chorar, finalmente eu consigo colocar pra fora e, mais uma vez, eu quero agradecer o acolhimento de cada um. Cada olhar de carinho, cada olhar de amor, cada carinho que eu recebi e recebo todos os dias. Desculpe tomar tanto tempo, mas, que bom que foi agora e que bom que foi dessa forma. Brigada!

(Palmas)

(Abraço Sandra Annenberg e Roberta Miranda)

**Serginho:** Oh Klara! De verdade, eu espero e eu sinto que você está sendo acolhida aqui, porque, enfim, a gente se conhece, pelos programas, pela tua vocação e qualidade como atriz

desde pequenininha, que não cresceu muito, mas, enfim... eu sei o quanto você tem a energia boa sempre e como todo mundo foi tocado pela sua história e, que eu tenho certeza que todo mundo aqui tá na mesma energia e na mesma sintonia de paz e harmonia que você merece, tá bom?

**Klara:** Muito obrigada, mais uma vez, e... como eu sempre fui muito reservada em relação a minha vida, mais uma vez reforçar e tomar as rédeas dessa parte reservada da minha vida e ser lembrada e comentada, ou comentar sobre o que eu sei fazer e o que eu amo tanto fazer, que é ser atriz, e assim seguir e trilhar um novo caminho numa nova fase. E, de novo, que bom que é aqui!

(Palmas)

(...)

**Serginho:** oh Klara, eu fiquei acompanhando tudo o que aconteceu, mas minha pergunta é assim: você começou a trabalhar com nove meses, né? Não existia rede social. 22 anos depois você tá tendo sua vida particular exposta e ao mesmo tempo tendo uma rede social e segurando a onda. Queria saber como você fez isso?

**Klara:** A única coisa é a única resposta que eu tenho para isso é: eu tive uma rede de apoio impecável! Eu tenho minha família como base da minha vida, minha família é tudo pra mim, sempre foi e ter o apoio da minha família e saber que eu podia contar com eles e que eles estariam do meu lado em todas as circunstâncias, pra mim foi crucial de início e sempre. Mas naquele primeiro momento, do baque e do que tá acontecendo e você entender, minha família foi crucial. Minha rede de apoio se estendeu para muita gente necessária, como a minha preocupação se expandia, não só da minha saúde mental, eu sempre tive acompanhamento psicológico, porque sempre foi necessário, sempre é necessário. Eu tive, profissionalmente, pessoas que foram muito cruciais na minha vida e que são cruciais desde sempre, mas que nesse momento me ajudaram a entender como a barra seria segurada, e a segurar a barra. Eles dividiram o peso comigo, para que as coisas fossem, não mais leves, porque não foram leves em momento nenhum, mas pra que eu conseguisse passar um dia após o outro. E é um processo diário ainda, é uma coisa que vai me acompanhar e é um momento da minha vida que vai me acompanhar durante muitos anos, é um olhar que vai mudar durante os anos. Tem uma pessoa... que é o Bruno... (chorando) ele faz parte da minha equipe profissional. Esse cara é o cara mais incrível que eu conheço na minha vida, ele foi a primeira pessoa que eu

liguei no dia que eu decidi que eu ia postar a carta e eu falei: "Bruno, eu preciso de você!" Porque eu tava do lado da minha mãe, eu tava do lado do meu pai e do meu irmão, ele conseguiu me ajudar a colocar em palavras o que eu precisava falar. Viver na época das redes sociais é terrível! É terrível! As pessoas acham que elas podem tudo e por elas estarem protegidas por uma tela preta, elas têm a falta de compaixão cada vez mais explícita. A minha história foi contada de forma torta e ainda bem que a minha rede social me proporcionou a minha voz, mas ali eu encontrei todos os tipos de pessoas. Pessoas que não tinham ideia do que estavam falando, pessoas que leram uma manchete e assumiram que aquilo era a grande realidade. E existe uma grande falha de comunicação geral, que é: as pessoas nunca vão querer saber duas vezes da mesma história. Elas sempre vão absorver a primeira informação. A minha informação foi a segunda, é a verdade, mas foi a segunda. Então o ruído de informação vem até hoje. Minha mãe me contou depois de um tempo, que eu recebi 800 e-mails no dia que eu postei a carta, de pessoas não só demonstrando compaixão, mas compartilhando a própria história, compartilhando as próprias violências, as próprias passagens. A minha história serviu pra que eu entendesse que a Internet não é mais o mundo de ninguém, ela não é mais terra de ninguém! Agora, querendo ou não, a gente acha quem são as pessoas e ainda bem! Nada passou! Nada passou! Mas, se for pra falar de uma parte boa de ter rede social nesse momento, é poder me conectar tanto com as pessoas. E o quanto as pessoas quiseram falar sobre o meu trabalho. Isso pra mim, essa virada das pessoas virem falar comigo sobre o meu trabalho, em um momento que o meu trabalho era tão crucial pra mim, foi tão importante! Foi tão necessário! Foi tão forte! Eu amo fazer o que eu faço, é o que me impulsiona, então as pessoas virem falar sobre o meu trabalho, me deu força e me fez continuar dia após dia. E querendo ou não, eu me tornei imagem de um acontecimento e essas pessoas me deram força pra continuar. Além do meu irmão Lucas, que é o amor da minha vida (emocionada), que é a pessoa mais sã da minha casa. Ele tem 18 anos, mas assim, sabe de tudo, olhava pra gente e falava: "Ei, é assim que tem que fazer". Meu pai Cláudio, minha mãe Carla. Tem a Thaís que tá ali também. Minhas amigas de vida, que são Dezerreis e Isabelle. Maísa, que todo mundo conhece, que foi muito crucial, que me acolheu e me abraçou. E eu só estou aqui hoje por conta da minha rede de apoio.

(Palmas)

## ANEXO 2 - Carta aberta de Klara Castanho<sup>16</sup>

The image shows two screenshots of an Instagram post by the user 'klarafgcastanho'. The post is a carousel of two slides. The first slide is titled 'CARTA ABERTA' and contains the following text: 'Esse é o relato mais difícil da minha vida. Pensei que levaria essa dor e esse peso somente comigo. Sempre mantive a minha vida afetiva privada, assim, expô-la desse maneira é algo que me apavora e remexe dores profundas e recentes. No entanto, não posso silenciar ao ver pessoas conspirando e criando versões sobre uma violência repulsiva e de um trauma que sofri. Fui estuprada. Relembrar esse episódio traz uma sensação de morte, porque algo morreu em mim. Não estava na minha cidade, não estava perto da minha família nem dos meus amigos.' The second slide continues: 'Estava completamente sozinha. Não, eu não fiz boletim de ocorrência. Tive muita vergonha, me senti culpada. Tive a ilusão de que se eu fingisse que isso não aconteceu, talvez eu esquecesse, superasse. Mas não foi o que aconteceu. As únicas coisas que tive forças para fazer foram: tomar a pílula do dia seguinte e fazer alguns exames. E tentei, na medida do possível e da minha frágil capacidade emocional, seguir adiante, me manter focada na minha família e no meu trabalho. Mas mesmo tentando levar uma vida normal, os danos da violência me acompanharam. Deixei de dormir, deixei de confiar nas pessoas, deixei uma sombra apoderar-se de mim.' Both slides are dated 'COMUNICADO 01/09' and 'COMUNICADO 02/09' respectively. The post has a heart icon, a share icon, and a bookmark icon. It is liked by 'aanakei e outras pessoas'. The caption reads: 'klarafgcastanho Carta aberta. (Arraste para o lado)'. The date is '25 de junho' and there is a link to 'Ver tradução'.

**CARTA ABERTA** 1/9

Esse é o relato mais difícil da minha vida. Pensei que levaria essa dor e esse peso somente comigo. Sempre mantive a minha vida afetiva privada, assim, expô-la desse maneira é algo que me apavora e remexe dores profundas e recentes. No entanto, não posso silenciar ao ver pessoas conspirando e criando versões sobre uma violência repulsiva e de um trauma que sofri. Fui estuprada. Relembrar esse episódio traz uma sensação de morte, porque algo morreu em mim. Não estava na minha cidade, não estava perto da minha família nem dos meus amigos.

COMUNICADO 01/09

Estava completamente sozinha. Não, eu não fiz boletim de ocorrência. Tive muita vergonha, me senti culpada. Tive a ilusão de que se eu fingisse que isso não aconteceu, talvez eu esquecesse, superasse. Mas não foi o que aconteceu. As únicas coisas que tive forças para fazer foram: tomar a pílula do dia seguinte e fazer alguns exames. E tentei, na medida do possível e da minha frágil capacidade emocional, seguir adiante, me manter focada na minha família e no meu trabalho. Mas mesmo tentando levar uma vida normal, os danos da violência me acompanharam. Deixei de dormir, deixei de confiar nas pessoas, deixei uma sombra apoderar-se de mim.

COMUNICADO 02/09

Curtido por **aanakei e outras pessoas**

**klarafgcastanho** Carta aberta.  
(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfPvGDkuii1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 07 de julho de 2023.



klarafgcastanho



Uma tristeza infinita que eu nunca tinha sentido antes. As redes sociais são uma ilusão e deixei lá a ilusão de que a vida estava ok enquanto eu estava despedaçada. Somente a minha família sabia o que tinha acontecido.

Os fatos até aqui são suficientes para me machucar, mas eles não param por aqui. Meses depois, eu comecei a passar mal, ter mal-estar. Um médico sinalizou que poderia ser uma gastrite, uma hérnia estrangulada, um mioma. Fiz uma tomografia e, no meio dela, o exame foi interrompido às pressas.

COMUNICADO  
03/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

**klarafgcastanho** Carta aberta.  
(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



Fui informada que eu gerava um feto no meu útero. Sim, eu estava quase no término da gestação quando eu soube. Foi um choque. Meu mundo caiu. Meu ciclo menstrual estava normal, meu corpo também. Eu não tinha ganhado peso e nem barriga. Naquele momento do exame, me senti novamente violada, novamente culpada. Em uma consulta médica contei ter sido estuprada, expliquei tudo o que aconteceu.

O médico não teve nenhuma empatia por mim. Eu não era uma mulher que estava grávida por vontade e desejo, eu tinha sofrido uma violência.

COMUNICADO  
04/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

**klarafgcastanho** Carta aberta.  
(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



E mesmo assim esse profissional me obrigou a ouvir o coração da criança, disse que 50% do DNA eram meus e que eu seria obrigada a amá-lo. Essa foi mais uma da série de violências que aconteceram comigo. Gostaria que tivesse parado por aí, mas, infelizmente, não foi isso o que aconteceu.

Eu ainda estava tentando juntar os cacos quando tive que lidar com a informação de ter um bebê. Um bebê fruto de uma violência que me destruiu como mulher. Eu não tinha (e não tenho) condições emocionais de dar para essa criança o amor, o cuidado e tudo o que ela merece ter. Entre o momento que eu soube da gravidez e o parto se passaram poucos dias. Era demais para processar, para aceitar e tomei a atitude que eu considero mais digna e humana.

COMUNICADO  
05/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

**klarafgcastanho** Carta aberta.  
(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



Eu procurei uma advogada e conhecendo o processo, tomei a decisão de fazer uma entrega direta para adoção. Passei por todos os trâmites: psicóloga, ministério público, juíza, audiência - todas as etapas obrigatórias. Um processo que, pela própria lei, garante sigilo para mim e para a criança. A entrega foi protegida e em sigilo. Ser pai/e ou mãe não depende tão somente da condição econômica-financeira, mas da capacidade de cuidar. Ao reconhecer a minha incapacidade de exercer esse cuidado, eu optei por essa entrega consciente e que deveria ser segura.

COMUNICADO  
06/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

**klarafgcastanho** Carta aberta.  
(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



7/9  
No dia em que a criança nasceu, eu, ainda anestesiada do pós-parto, fui abordada por uma enfermeira que estava na sala de cirurgia. Ela fez perguntas e ameaçou: "Imagina se tal colunista descobre essa história". Eu estava dentro de um hospital, um lugar que era para supostamente para me acolher e proteger. Quando cheguei no quarto já havia mensagens do colunista, com todas as informações. Ele só não sabia do estupro. Eu ainda estava sob o efeito da anestesia. Eu não tive tempo de processar tudo aquilo que estava vivendo, de entender, tamanha era a dor que eu estava sentindo. Eu conversei com ele, expliquei tudo o que tinha me acontecido. Ele prometeu não publicar. Um outro colunista também me procurou dias depois querendo saber se eu estava grávida e eu falei com ele. Mas apenas o fato de eles saberem, mostra que os profissionais que deveriam ter me protegido em um momento de extrema dor e

COMUNICADO  
07/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

klarafgcastanho Carta aberta.

(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



8/9  
vulnerabilidade, que têm a obrigação legal de respeitar o sigilo da entrega, não foram éticos, nem tiveram respeito por mim e nem pela criança.

Bom, agora, a notícia se tornou pública, e com ela vieram mil informações erradas e ilações mentirosas e cruéis. Vocês não têm noção da dor que eu sinto. Tudo o que fiz foi pensando em resguardar a vida e o futuro da criança. Cada passo está documentado e de acordo com a lei. A criança merece ser criada por uma família amorosa, devidamente habilitada à adoção, que não tenha as lembranças de um fato tão traumático. E ela não precisa saber que foi resultado de uma violência tão cruel. Como mulher, eu fui violentada primeiramente por um homem e, agora, sou reiteradamente violentada por tantas outras pessoas que me julgam. Ter que me pronunciar sobre um assunto tão íntimo e doloroso me faz ter que continuar vivendo essa angústia que carrego todos os dias.

COMUNICADO  
08/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

klarafgcastanho Carta aberta.

(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução



klarafgcastanho



A verdade é dura, mas essa é a história real. Essa é a dor que me dilacera. 9/9

No momento, eu estou amparada pela minha família e cuidando da minha saúde mental e física. Minha história se tornar pública não foi um desejo meu, mas espero que, ao menos, tudo o que me aconteceu sirva para que mulheres e meninas não se sintam culpadas ou envergonhadas pelas violências que elas sofrem. Entregar uma criança em adoção não é um crime, é um ato supremo de cuidado. Eu vou tentar me reconstruir, e conto com a compreensão de vocês para me ajudar a manter a privacidade que o momento exige.

Com carinho,  
Klara Castanho

09/09



Curtido por **aanakei** e outras pessoas

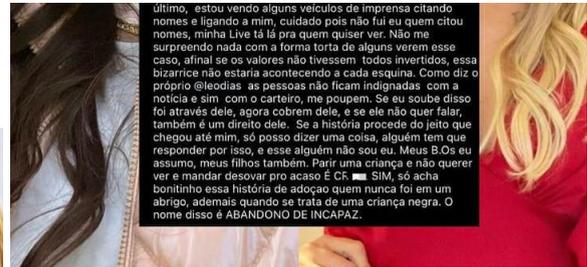
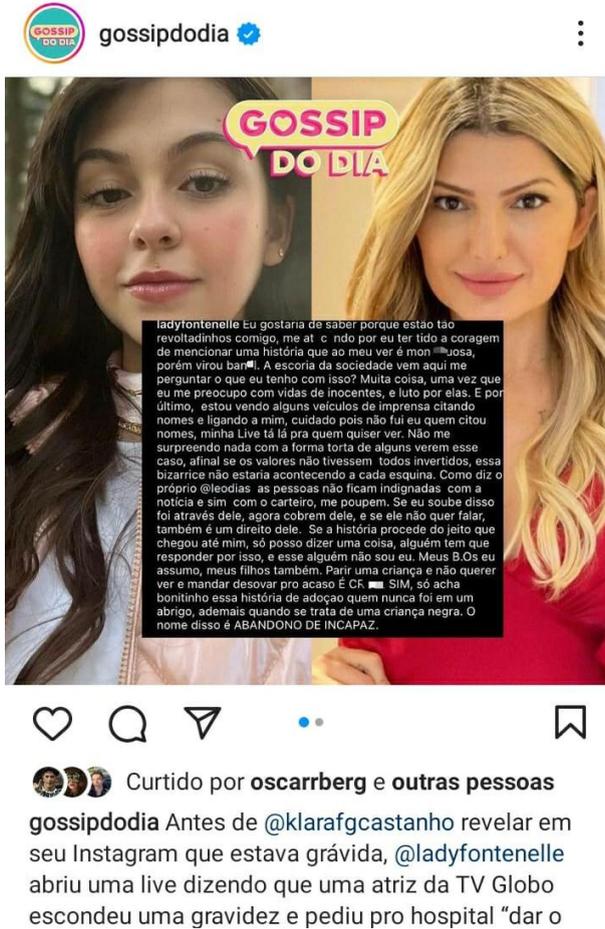
klarafgcastanho Carta aberta.

(Arraste para o lado)

25 de junho · Ver tradução

## ANEXO 3 - Prints recolhidos na internet sobre o caso

### Antonia Fontenelle faz live se defendendo dos ataques e atacando as decisões de Klara Castanho - Prints da página “Gossip do dia”<sup>17</sup>



Instagram post interface showing the video player, interaction icons (heart, comment, share), and the caption: 'gossipdodia Antes de @klarafgcastanho revelar em seu Instagram que estava grávida, @ladyfontenelle abriu uma live dizendo que uma atriz da TV Globo escondeu uma gravidez e pediu pro hospital "dar o filho".'

Internautas a criticaram e, sem citar nomes, ela fez um post questionando o motivo de tanto at\*que e expôs sua opinião: "Parir uma criança e não querer ver e mandar desovar por acaso É CR#ME SIM", escreveu ela. Arraste para o lado e confira a live que Antônia fez falando sobre. (📺Vídeo/Reprodução: @ladyfontenelle)

Ver todos os 22.151 comentários

thaisdamaso INACREDITÁVEL!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Meu Deus, tenha misericórdia

alanpossamai As pessoas fazem tudo por mídia! Até prejudicar a saúde mental de alguém..triste

25 de junho · Ver tradução

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfQCTcCNQ9D/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 06 de julho de 2023

**Leo Dias faz uma postagem pedindo desculpas à Klara Castanho - Prints da página “Gossip do dia”<sup>18</sup>**



 Curtido por **reh\_nuno** e outras pessoas  
**gossipdodia** Léo Dias fez uma postagem pedindo perdão à Klara Castanho. Na matéria, o colunista deixou bem claro que sabia que a atriz tinha sido viol\*nt\*da por meio de uma ligação que fizera com ela, logo que a criança havia nascido.

O jornalista disse que, num momento, chegou a mencionar que adotaria a criança (?¿?¿) e, mesmo assim, prometeu a atriz que nada seria publicado por ele. Acontece que Léo apareceu recentemente no programa do Danilo Gentili, onde levantou pela primeira vez a história de Klara, por meio de fofoca cifrada (sem citar o nomes) e disse que a história era tão absurda que traria “karma” para a atriz. Desde então, Antonia Fontenelle veio a público e deu todo o bololô que já sabemos bem! Pois é... (📷 Imagem/ Reprodução: Internet | Instagram | @metropoles)

Ver todos os 7.182 comentários

**kellsmith** Que grave

26 de junho • Ver tradução



 Curtido por **reh\_nuno** e outras pessoas  
**gossipdodia** Léo Dias fez uma postagem pedindo perdão à Klara Castanho. Na matéria, o co... mais

Ver todos os 7.182 comentários

**kellsmith** Que grave

26 de junho • Ver tradução

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfR9WIDiITA/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 06 de julho de 2023.



## Youtuber Dri Paz pede desculpas à Klara Castanho após propagação de fake news - Prints da página “Gossip do dia”<sup>21</sup>



**gossipdodia** 

**GOSSIP DO DIA**

**gossipdodia** A Dri Paz, que foi uma das pessoas que propagou e distorceu a história que aconteceu com a @klarafgcastanho, apagou todos os vídeos assim que a atriz postou a carta aberta. Adriana fez uma live no YouTube e uma série de stories em seu Instagram se desculpando pelas mentiras contadas. Em um vídeo, ela chegou a falar que recebeu informações que o pai da criança era casado com uma pessoa pública muito famosa e que Klara teria mandado sumir e d\*sov\*r o bebê. O que não é verdade.

Adriana falou também que não acreditava na versão do ab\*só que estava sendo contada para a mídia. Em seus stories, ela disse que por Leo Dias ter contado e ser “alguém gigante”, ela acreditou que era verdade e caiu na f\*ke news. Por fim, ela pediu desculpas e disse que os vídeos foram apagados. Ai ai.....  
(👤 Vídeo/Reprodução: @klarafgcastanho | Internet)

Ver todos os 10.796 comentários

**erikaschneider** Qualquer coisa por like!!! Fico abismada com a falta de empatia, responsabilidade afetiva, falta tudo! Quando não se sabe sobre o assunto fique calado! 

**canaldoscacadores** Nem da palco p essa menina. Ela não merece. Serio...ignorem! 

26 de junho · Ver tradução

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfRToVcuhPk/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 06 de julho de 2023.